



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DA EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES
INDÍGENAS
CIÊNCIA DA VIDA E DA NATUREZA

FaE
Faculdade de Educação

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA ÁREA ESCOLAR DA ALDEIA PATAXÓ DE COROA VERMELHA

ADEMÁRIO BRAZ FERREIRA
JELEVALDO SILVA SANTOS

BELO HORIZONTE
2019

ADEMÁRIO BRAZ FERREIRA
JELEVALDO SILVA SANTOS

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA ÁREA ESCOLAR DA ALDEIA
PATAXÓ DE COROA VERMELHA

Percurso Acadêmico apresentado na conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas na Área de Conhecimento Ciência da Vida e Natureza (CVN) da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para conclusão de curso.

Orientador: Professor Francisco Ângelo Coutinho

Co-orientadora: Elisa Sampaio de Faria

BELO HORIZONTE
2019

ADEMÁRIO BRAZ FERREIRA
JELEVALDO SIVA SANTOS

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA ÁREA ESCOLAR DA ALDEIA
PATAXÓ DE COROA VERMELHA

Monografia apresentada à ..., como requisito parcial à obtenção do grau de ...

Aprovada em _____ de _____ de 2019.

**Dedicamos este trabalho exclusivamente às
nossas companheiras de vida e de lutas,
EDCLÉIA GOMES NOGUEIRA e JAQUELINE
NUNES CUNHA, guerreiras que superando
todos os obstáculos para nos ajudar a nos
transformar na pessoa que somos.**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, por nos conceder a vida, pois sem ela não estaríamos aqui para realizar os nossos objetivos que temos alcançados e que desejamos alcançar. A todos os nossos colegas de trabalho e aos nossos parentes Pataxó, Pataxó Hã hã hãe, Xacriabá e Guarany e a nossa turma da CVN - Ciência da Vida e Natureza. A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha na pessoa do Diretor Gilson Matos Soares e a vice-diretora Zizélia Ferreira dos Santos, que tanto contribuiu para a realização dos nossos trabalhos de conclusão de curso. Aos nossos mestres e mestras doutores e doutoras aos nossos professores da UFMG: Adriano, Célio, Erica, Elidéa Bernardino, Charles, Juarez, Josiley, Lucinha, Marcos Bortolus, Marina Tavares, Maria Gorete, Mateus de Moraes, Kátia, Welington, Pedro Rocha, Shirley, Daniela, Pierre, aos Bolsistas: Ana Carolina, Stefanie, Áquila, Gessica, Luz, Natalia, Rebeca, aos orientadores: Francisco Coutinho e a co-orientadora Elisa Sampaio, a professora Irene Maria de Jesus. Aos professores e aos alunos da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha que sempre estavam presentes nos momentos de atividades, nas orientações e na organização e postagem dos trabalhos. Dedicamos este trabalho à nossa família, em especial aos nossos pais João Ferreira Santana, Almir Silva Santos, Izabel Braz Ferreira, Severina Silva Santos e aos nossos irmãos, irmãs e nossos filhos Marcos Goivado Ferreira Ana Clara Nogueira Ferreira, Alan Nogueira Ferreira, Bruna Alves dos Santos Braz Ferreira, Felipe da Conceição Santana, Kauã Aron Dias Santos e Âdxuara Helena Nunes Santos, que tanto nos apoiaram nesta caminhada de conclusão deste trabalho. As nossas esposas Edcléia Gomes Nogueira e Jaqueline Nunes Cunha, pela compreensão e companheirismo, fontes inspiradoras, que muito admiramos. Aos nossos avós ausentes que despertaram em nós quando criança o desejo pela busca do conhecimento, pois foram os mesmos que nos levaram a um estabelecimento de ensino pela primeira vez com as suas oralidades. A nossa querida amiga e colega de trabalho Professora Adil Moreira, que com muita persistência nos ajudou nas leituras para que esse trabalho apresentasse um corpo teórico qualificado, nos auxiliando também nas correções e ajustes.

E a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da nossa formação acadêmica.

O NOSSO MUITO OBRIGADO.

Precisamos pensar nossas crianças como parte do presente. Se não fizermos assim estaremos destruindo o futuro (Gersem dos Santos, professor Baniwa, AM).

RESUMO

A presente pesquisa teve por tema EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA ÁREA ESCOLAR DA ALDEIA PATAXÓ DE COROA VERMELHA, buscou-se uma reflexão com a comunidade escolar, tendo o objetivo de avaliar as percepções ambientais e de sustentabilidades com os que diretamente estão entrelaçados e envolvidos na educação específica e diferenciada de qualidade das escolas indígena. A pesquisa relata as atividades desenvolvidas em uma escola pública indígena da rede municipal. Através da observação, de entrevista e questionário, a pesquisa buscou resposta para a problemática que é a importância da sustentabilidade nas escolas públicas e a importância em ser aplicada nas escolas indígenas. O projeto objetivou a reflexão sobre práticas educativas de Educação Ambiental. Dessa forma, esta pesquisa almeja contribuir para o desenvolvimento de projetos com a finalidade da formação de cidadãos consciente, aptos a contribuir com a realidade sócio ambiental de modo comprometido com a vida social e sustentável da aldeia e do planeta.

Palavras-chave: Educação Indígena Pataxó; Sustentabilidade; Educação ambiental.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	OBJETIVOS	11
3	MÉTODOS DE PESQUISA.....	12
4	A ALDEIA COROA VERMELHA: BREVE SÍNTESE DE SUA HISTÓRIA.....	14
5	O ESPAÇO ESCOLAR NA ALDEIA PATAXÓ COROA VERMELHA E O MEIO AMBIENTE	16
5.1.	A PRIMEIRA ESCOLA NA ALDEIA PATAXÓ COROA VERMELHA.....	16
5.2.	A ESCOLA INDÍGENA É ASSEGURADA PELA NOVA LDB	17
5.3.	A ESCOLA MUNICIPAL NA ALDEIA COROA VERMELHA.....	18
5.4.	A ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA	20
5.5.	A ATUAL ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA.....	21
5.6.	A TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA	22
5.7.	AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS DA ÁREA DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA.....	26
5.8.	COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA	31
5.9.	AS AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA E NO COLÉGIO INDÍGENAS DA ALDEIA COROA VERMELHA.....	32
6	EDUCAÇÃO AMBIENTAL, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE.....	36
6.1.	EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	36
6.2.	SUSTENTABILIDADE	39
7	RESULTADOS	41
7.1.	PENSANDO COM OS ANCIÕES.....	41
7.2.	PENSANDO COM PROFESSORAS E ESTUDANTES DA ESCOLA.....	45
8	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	48
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	ANEXO I: ENTREVISTA COM O SENHOR ADERNO PATAXÓ.....	54
	ANEXO II: ENTREVISTA COM O SENHOR CAPIMBARÁ PATAXÓ.	56
	ANEXO III: QUESTÃO RESPONDIDAS POR PROFESSORAS E ESTUDANTES DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ DE COROA VERMELHA	60
	ANEXO IV - FOTOGRAFIAS: DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA COROA VERMELHA.....	64
	ANEXO V - FOTOGRAFIAS DA ESCOLA INDÍGENA NO ANO DE 2000 A 2019	65
	ANEXO VI – FOTOGRAFIAS DA RESERVA DA JAQUEIRA ATIVIDADE ESCOLAR	66
	ANEXO VII – CONTINUAÇÃO DAS ATIVIDADES ESCOLAR	67

1 INTRODUÇÃO

Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha fica localizada na Costa do Descobrimento em um Polo Turístico no Extremo Sul da Bahia, Município de Santa Cruz Cabrália, entre os municípios de Porto Seguro e Belmonte na BR 367 quilometro 05 e 06, onde foi o palco da invasão dos portugueses em abril de 1500. A História Pataxó em Coroa Vermelha dar inícios por uma família que veio da Aldeia Barra Velha. Depois foram chegando outros índios e os não índios, onde, foram se casando e se misturando. Hoje, Coroa Vermelha é um Distrito da cidade de Santa Cruz Cabrália. Sendo bem desenvolvido, onde se encontra localizado nesse mesmo espaço à Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha, no qual estamos em resistência garantindo a cultura, tradição e costumes do Povo Pataxó.

Hoje na Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha temos duas Instituições de Ensino: um Colégio que atende o ensino médio de 1º e 3º ano do segundo grau e uma Escola que atende da Educação Infantil ao Fundamental I e II. Ambos se encontram em Coroa Vermelha, uma aldeia urbanizada, com muitos problemas comuns apresentados nas demais escolas não indígenas, desta forma visualizamos o desgaste presente nesse passar de tempo com a necessidade de alterações na estrutura que ocorreu ao longo desse tempo: ambiental, arquitetura, visual e cultural.

Na questão ambiental, temos uma escola com área totalmente degradada, com várias espécies de arvores nativas que já não se encontra mais presentes, na arquitetura conservamos em partes, pois houve a necessidade de ampliação com novas construções que não veio atender a arquitetura existente e assim alterando parcialmente o projeto de uma escola indígena. Ao visualizar a área escolar é possível perceber as modificações ocorridas durante todo o processo de alterações neste ambiente. Percebendo culturalmente todas essas modificações, observamos que houve um desgaste nos desenvolvimentos das atividades culturais praticadas neste ambiente.

Registramos nesse trabalho a nossa memória das transformações das características ambientais da área escola da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha e usamos fotografias de nosso acervo pessoal e do acervo da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha para apresentar imagens de momentos importantes.

Com o desenvolvimento e transformações desordenado em nossa aldeia, houve a necessidade de ampliações urgente no espaço escolar, ocorreram várias construções sem nenhum planejamento organizado, pensando somente em atender a necessidade de urgência e esquecendo-se do meio ambiente, a construção desses novos prédios agrediram o meio ambiente, desta forma se faz cada vez mais importante conscientizar toda comunidade sobre a importância da consciência ambiental, por este motivo, a gestão juntos com a equipe escolar, tiveram uma atitude consciente e responsável de elaborar alguns projetos de educação ambiental e sustentabilidade para fortalecer a cultura, costumes, crenças e valores. Colocar em prática a educação ambiental e a sustentabilidade é essencial no fortalecimento cultural do Povo Pataxó.

A construção de novos prédios agrediu o ambiente se multiplicaram cada vez mais, desta forma se faz cada vez mais importante conscientizar toda comunidade sobre a importância da consciência ambiental. Por este motivo, o professor, seja ele da educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, deve ter atitude que sirvam de exemplo dessa consciência, dessa responsabilidade em conservar e se pensar na responsabilidade social. A educação é essencial à promoção de tais valores e para aumentar a capacidade das pessoas de enfrentar as questões ambientais.

Em nossa educação escolar indígena, a Educação Ambiental se insere no desenvolvimento de uma educação específica e diferenciada comunitária, intercultural, bilíngue e multilíngue, valorizando todo o conhecimento contido em nossos maiores mestres, nossos anciões, onde, é de suma importância que se trabalhe a Educação Ambiental dentro e fora da escola, colocando em prática sempre nosso conhecimento tradicionais, com esse pensar o projeto de conclusão de curso vem discutir degradação do meio ambiente, a educação ambiental e a sustentabilidade na área escolar da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha com anciões Pataxó, estudantes e professoras da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Sabe-se que a maioria dos problemas ambientais tem suas raízes em fatores sociais, econômicos, políticos, culturais e éticos. E os modelos de desenvolvimento econômico adotados pelos países ricos são causadores de degradação ambiental. Tais modelos, quando importados para os países pobres, além da degradação ambiental, causam também desigualdades sociais e miséria.

Daí a importância da Educação Ambiental para a Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Ela pode ajudar a identificar os problemas ambientais que afetam a qualidade de vida das pessoas, ajuda a descobrir as causas, ajuda a encontrar soluções alternativas e, através dos diversos mecanismos de participação comunitária, ajuda a agir em busca dos interesses da comunidade.

A degradação ambiental que ocorreu em razão do crescimento e desenvolvimento da Escola e do Colégio preocupa a comunidade. Este trabalho vem mostrar a realidade da área ambiental em torno da escola, onde estamos buscando soluções para melhoria deste mesmo espaço tornando mais agradáveis e possibilitando que os alunos se identifiquem como autores, fortalecendo uma educação diferenciada e de qualidade buscada pela sua comunidade escolar e realizada pelos seus professores.

Os anciões são observadores e atentos a tudo o que acontece a sua volta, eles tem capacidade de descrever com riqueza os detalhes e os comportamento dos animais, a diversidades das plantas, o movimento da água, as mudanças do clima, as estações do ano e a força da lua. Pensando nesses conhecimentos convidamos dois anciões que ajudam a comunidade nas questões ambientais, o Senhor Capimbará e o Senhor Aderno Pataxó para conversar sobre suas experiências com o meio ambiente, no intuito de conseguirmos ampliar informações importantes para nosso trabalho, indicamos dois indígenas para serem entrevistados por nós.

Esse trabalho busca, através dos conhecimentos dos anciões, pensar em soluções para a recuperação do espaço ambiental e para o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental na Escola e no Colégio Indígenas.

2 OBJETIVOS

O nosso **objetivo geral** é pensar sobre a degradação do meio ambiente, a educação ambiental e a sustentabilidade na área escolar da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha com anciões Pataxó, estudantes e professoras da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Os nossos **objetivos específicos são:**

- Identificar, nas experiências relatadas pelos anciões, conhecimentos capazes de ensinar aos mais novos como recuperar o meio ambiente na área escolar Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.
- Entender como o meio ambiente, a educação ambiental e a sustentabilidade se conectam com os conhecimentos e costumes tradicionais Pataxó para os anciões e para estudantes e professoras da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

3 MÉTODOS DE PESQUISA

Os anciões são observadores e atentos a tudo o que acontece a sua volta, eles tem capacidade de descrever com riqueza os detalhes e os comportamento dos animais, a diversidades das plantas, o movimento da água, as mudanças do clima, as estações do ano e a força da lua. Pensando nesses conhecimentos e no objetivo de nossa pesquisa convidamos dois anciões que ajudam a comunidade nas questões ambientais, o Senhor Capimbará e o Senhor Aderno Pataxó para conversar sobre suas experiências com o meio ambiente.

O Senhor Aderno Pataxó é um ancião reconhecido na Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha por trabalhar com a revitalização do meio ambiente, coletando sementes na mata e produzindo mudas de plantas nativas, medicinais e em risco de extinção

Fotografia 1 - Viveiro do Senhor Aderno Pataxó.



Fonte: Acervo pessoal de Ademario (2016).

Fotografia 2 - Senhor Capimbará Pataxó.



Fonte: Acervo da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (2009).



O Senhor Capimbará é reconhecido nacionalmente por seu trabalho com o meio ambiental, palestrando em diversas cidades do país conscientizando sobre a questão ambiental.

Explicamos aos anciões qual era objetivo do nosso trabalho, então, eles aceitaram e abrilhantaram o nosso trabalho com os seus depoimentos de vida. É um trabalho que eles já vem fazendo a muito tempo nas escolas, nas reservas de proteção ambientais e outros. É um trabalho de Educação e Conscientização Ambiental.

Conversamos com os anciões em 2017 e gravamos a conversa com cada um deles. Depois transcrevemos o áudio da forma mais parecida possível com o que eles falaram, sem correções. A transcrição completa da conversa com o Senhor Aderno Pataxó está no Anexo I e da conversa com o Senhor Capimbará Pataxó está no Anexo II.

Para conhecer a opinião de professores e estudantes sobre a Educação Ambiental na Aldeia, elaboramos uma pergunta. A pergunta “Qual a importância de trabalhar a Educação Ambiental nas Escolas Indígenas?” foi respondida, por escrito, por quatro professoras e nove estudantes. As respostas das professoras e dos estudantes estão no Anexo III.

Para a análise, estudamos as transcrições das conversas com os anciões para identificar o que eles consideram importante para recuperar o meio ambiente na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. Também estudamos as transcrições e as respostas das professoras e estudantes para encontrar interligações entre o meio ambiente, a educação ambiental, a sustentabilidade e os conhecimentos e costumes tradicionais Pataxó.

4 A ALDEIA COROA VERMELHA: BREVE SÍNTESE DE SUA HISTÓRIA

Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha fica localizada na Costa do Descobrimento em um Polo Turístico no Extremo Sul da Bahia, Município de Santa Cruz Cabrália, entre os municípios de Porto Seguro e Belmonte na BR 367 onde foi o palco da invasão dos portugueses em abril de 1500, com uma extensão de área total de 1.492 hectares, sendo divididas em duas glebas: A e B, a gleba A fica à beira mar cerca de 1.427 hectares em uma área urbana e a gleba B cerca de 1.415 que contempla a Reserva da Jaqueira e uma área para a agricultura.

Assim começou a história dos Pataxó em Coroa Vermelha. Antes, o povo Pataxó era nômade e vivia em grupos, saía em busca de sobrevivência, nas margens dos rios e costa da praia. Maria Pataxó e sua família vieram da Aldeia Barra Velha sem destino e encontraram uma terra que já tinha sido moradia dos seus antepassados, ali novamente se fixavam por tempo. Essa terra era conhecida pelos portugueses como Terra de Santa Cruz. Porque este nome? Por causa da cruz colocada na Coroa de areia (banco de areia), junto a um recife. Ali foi celebrada a primeira missa no Brasil. O nome de Coroa Vermelha originou-se pelo fato que a coroa de areia, quando o sol está muito quente reflete sobre ela deixando avermelhada. Através desta família foram chegando outras: a família de Manoel Siriri e a de Itambé, daí até os dias atuais foi crescendo a Aldeia Coroa Vermelha.

Em 1973 já tinha grande quantidade de índios Pataxó existente nessa área, que começaram a fazer as suas moradias. Depois foram chegando outros índios e os não índios, onde, foram se casando e se misturando. Hoje somos um povo que vive a beira mar com uma população estimada em aproximadamente 6.000 indígenas e 923 famílias, nosso meio de sustentabilidade é o artesanato, pesca, agricultura e o turismo.

As nossas armas, que são o puhuy e akuã, ou seja, arco e flecha, o takape, que é a lança, o bajaú é o guarda-flecha, e os adereços, como o masaká, o tupisay, se transformaram em artesanato (Fotografia 1). O artesanato, a pesca e a agricultura, que tem origem em nossos costumes tradicionais, são nossas principais fontes de renda.

Fotografia 3 - Artesanato tradicional Pataxó.



Fonte: Acervo pessoal de Ademario

O Povo Pataxó usa sua língua, cultura, costumes, religião, festa da aldeia o AWÊ (Amor União Espiritual). O São João, São Pedro, Cosme e Damião e Santo Rei, são outras festas que foram introduzidas depois do contato com os não indígenas.

Atualmente, Coroa Vermelha se transformou em um bairro da cidade de Santa Cruz Cabrália. Coroa Vermelha é um bairro desenvolvido, onde se localiza a Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Estamos em uma luta para garantir a cultura, tradição e costumes do Povo Pataxó.

O contato com os portugueses e outros não indígenas fez com que fossemos atualizando a nossa maneira própria de viver, que não se perdeu toda, pois as nossas raízes ainda existem e estão guardadas em cada um dos mais velhos, que ainda conservam essas tradições. A luta é grande para nós e para continuar conservando a nossa cultura, costumes, tradições, religião, festa e língua, incentivamos as crianças, os jovens e a comunidade através da escola. A escola é parte muito importante nesse trabalho.

5 O ESPAÇO ESCOLAR NA ALDEIA PATAXÓ COROA VERMELHA E O MEIO AMBIENTE

5.1. A PRIMEIRA ESCOLA NA ALDEIA PATAXÓ COROA VERMELHA

Até 1.999 havia uma escola em uma cabana (oca ou kijeme), que funcionava nos três períodos (matutino, vespertino e noturno) no nível de ensino primário em organização de sala multisseriadas (1ª a 2ª e 3ª a 4ª) e a noite (1ª a 4ª), ensino primário em organização de sala multisseriadas para os adultos.

A escola ficava no terreno do indígena Senhor Joel Máximo, uma liderança da comunidade na época. O mesmo cedeu a cabana para funcionar como sala de aula, e também tinha filhos que estudavam. Naquele tempo só os índios moravam na aldeia, todos participavam, quem lecionava era professora Ilza Fernandes e Irene Maria de Jesus. As mesmas eram funcionárias da FUNAI, elas duas vieram do Estado de Minas Gerais para trabalhar com os indígenas Pataxó, pois a sede da FUNAI ficava em Governador Valadares no Estado de Minas Gerais, as escolas indígenas naquela época eram administradas pela FUNAI. Elas mesmas moravam em Governador Valadares, como eram funcionárias da FUNAI foram removidas para trabalhar com os indígenas Pataxó na Bahia no período dos anos 80, chegando em Coroa Vermelha em 1987. Elas passaram pelas aldeias Boca da Mata e Barra Velha antes de chegar na Aldeia Coroa Vermelha.

Essas duas professoras eram não indígenas, mas elas respeitavam e participavam de todos os eventos da aldeia. Muitos dos professores hoje e lideranças estudaram na escola antiga e foram alunos dessas professoras. E eles hoje agradecem muito por terem, naquela época, essa cabana como escola. Quando tivemos uma nova oportunidade de uma escola melhor, alguns jovens já estavam com seu estudo muito adiantado. Também nessa época era muito difícil, por não conhecermos nossos próprios direitos de educação diferenciada, para termos um bom estudo.

5.2. A ESCOLA INDÍGENA É ASSEGURADA PELA NOVA LDB

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada pelo Congresso Nacional em 17 de dezembro de 1.996 e promulgada no dia 20 de dezembro daquele ano, estabelece normas para todo o Sistema Educacional Brasileiro, fixando Diretrizes e Bases da Educação Nacional até a Educação Superior. Também conhecida como LDB, LDBN ou Lei Darcy Ribeiro, esta lei está abaixo da Constituição Federal e, é de fundamental importância porque trata, de modo amplo, de toda a educação do país. A atual LDB substituiu a Lei nº 5.692 de 1971 e dispositivos da Lei nº 4.024 de 1961, que tratavam da educação. Mas no que se refere à educação escolar indígena, a antiga LDB nada dizia.

A nova LDB menciona de forma explícita a educação escolar para os povos indígenas em dois momentos. Ela aparece na parte do ensino fundamental, no artigo 32, estabelecendo que este será ministrado em língua portuguesa, mas que será assegurado às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, ou seja, reproduz-se aqui o direito escrito no capítulo 210 da Constituição Federal. A outra menção à Educação Escolar Indígena está nos artigos 78 e 79, já nas “Disposições Gerais.” Ali preconiza-se como dever do Estado o oferecimento de uma educação escolar bilíngue e intercultural, que fortaleça as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena, e proporcione a oportunidade de recuperar suas memórias históricas e reafirmar suas identidades, dando-lhes, também acesso aos conhecimentos técnicos-científicos da sociedade nacional. Para que isto possa ocorrer, a LDB determina a articulação dos sistemas de ensino para a elaboração programas integrados de ensino e pesquisa, que contem com a participação das comunidades indígenas em sua formulação e que tenha como objetivo desenvolver currículos específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades. A LDB ainda prevê a formação de pessoal especializado para atuar nessa área e a elaboração e publicação de materiais didáticos específicos e diferenciados.

Com essas mudanças, a FUNAI passa a responsabilidade pela escola para o Estado e Municípios, retirando os professores de sua jurisdição, atuando como um apoio para a educação escolar indígena na forma de uma Coordenação da FUNAI. Essa Coordenação até hoje dá apoio em projetos nas escolas indígenas. O estado e municípios assumiram a educação escolar na Comunidade Indígena de Coroa Vermelha.

A educação **escolar indígena diferenciada** é a construção do sujeito como um todo: no **conhecimento no respeito, na transmissão dos conhecimentos que vão sendo passado para gerações futuras**. E a maneira que tratamos uns aos outros, respeitando o direito de cada e de todos seres humanos seja (anciões, adultos, jovens e crianças, temos que dar o respeito valorizando a sua diversidade cultural).

5.3. A ESCOLA MUNICIPAL NA ALDEIA COROA VERMELHA

Fotografia: 4 - Escola indígena pataxó – 1.990



Acervo: da Escola Indígena Pataxó

Nesse processo foram feitos registros civis, diferentes dos registros que eram feitos pela FUNAI, e esses registros civis permitiram que alguns da comunidade se

matriculassem em escolas fora da Aldeia, pois não tinham as séries nos níveis de ensino de alguns indígenas na escola dentro da Aldeia. O Município de Santa Cruz Cabrália assumiu a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha no ano de 1.990. Como aumentou o número de alunos, a escola teve que utilizar outro espaço na comunidade para colocar os alunos e a sala de aula foi instalada na enfermaria da aldeia (Fotografia 1). A professora Irene Maria de Jesus entra em licença maternidade e foi substituída por outra professora, chamada Neumair, que é funcionária do Município de Santa Cruz Cabrália.

Fotografia: 5 - Escola Municipal na Aldeia Coroa Vermelha em 1.990.



Fonte: Acervo da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha (1990).

Então, de 1990 até 1993 as duas professoras que lecionavam na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha eram Ilza Fernandes, funcionária da FUNAI, e Neumair, funcionaria do Município. No final de 1993 a Professora Ilza se aposentou e foi substituída pela professora Edileusa Silva Santos, funcionária do município também. Então as duas professoras contratadas pelo município lecionaram até o final do ano letivo de 1995.

5.4. A ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA

Apesar da comunidade chamar a escola de Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, na época a escola não era reconhecida como escola indígena. As professoras não indígenas foram substituídas por duas professoras indígenas, Alzira Santana Ferreira e Raimunda de Jesus Matos, recém-formadas em magistério. Elas foram as duas primeiras professoras indígenas contratadas pelo município. As professoras indígenas assumiram as salas de aula no início do ano letivo de 1.996, e foram em busca do reconhecimento da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha na Secretaria Municipal de Educação de Santa Cruz Cabralia. Elas conseguiram o reconhecimento e no mesmo ano foi construída pelo município uma escola que era metade de alvenaria e outra a metade de tábuas. A escola era composta com duas salas de aula, uma secretaria pequena e uma cozinha. Além de termos contemplados com uma escola, também foi construído de alvenaria um posto de saúde. Isso nos fortaleceu muito para que pudéssemos lutar por uma saúde melhor e uma educação diferenciada e de qualidade, administrada pelos próprios indígenas.

No período de 1.996, a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha iniciou com a sua própria gestão escolar: diretora, secretária escolar e serviços gerais, pois nos últimos anos, não tinha gestão, só tinha as professoras e as pessoas de apoio, e ela era gestada pelo órgão competente. Antes era a FUNAI, pela coordenação escolar, e logo depois o município, pela secretaria de educação. Percebemos um grande avanço para educação escolar indígena.

Em 1.997, a escola funcionava na cabana, que era a primeira sala de aula da aldeia, e na escola nova. Foi preciso construir mais salas de aula. Foi construída mais uma sala de tábuas para suprir as necessidades da comunidade, pois a cada dia a comunidade crescia e a escola construída, mais a sala antiga, não suportavam a quantidade de alunos que tinha para estudar.

A luta continua, em 1.999 tivemos que mudar de lugar, por motivos das obras que o Governo Federal estava fazendo para celebrar os 500 anos de Brasil. O governo federal tirou todas as casas que ficavam próximas a praça do cruzeiro, principalmente a escola e o posto de saúde. O projeto do governo era construir um Parque Histórico no lugar que

ficava o centro da aldeia, onde funcionava a escola, posto de saúde, centro de artesanato e o monumento onde se encontrava a cruz simbolizando a II missa celebrada no Brasil e as suas histórias jesuítas.

Tivemos que sair do local para ser construído o Parque Histórico para a festividade da celebração dos 500 anos de Brasil que aconteceria no dia 22 de abril de do ano de 2.000. Antes de mudar a escola, o governo tinha construído umas seis cabanas para ser moradias das pessoas que estariam saindo dos seus lugares para ser construídos as obras. Mudamos a escola para funcionar em três cabanas, cedidas pelas lideranças e representantes do governo, pois não poderíamos parar as aulas.

A escola funcionou até o final do ano de 1.999 nas cabanas, onde, duas funcionavam como sala de aula e a outra como diretoria e secretaria. Nesse período a professora indígena Raimunda de Jesus Matos assumiu a direção da própria escola. Mais um avanço e uma conquista para a educação escolar indígena da comunidade indígena de Coroa Vermelha.

Os espaços onde a escola funcionava antes da celebração dos 500 anos foram destruídos para a construção do parque e, no início do ano 2000, mudamos para a escola nova, uma escola que tínhamos sonhado tanto em tê-la. Essa fica localizada nas margens da BR 367 KM 06, dentro do Conjunto Cultural Pataxó (Centro Administrativo) na Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha, Município de Santa Cruz Cabrália - Bahia.

5.5. A ATUAL ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA

A nova Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, deu início no ano de 2.000 com uma nova estrutura administrativa e pedagógica, em um espaço adaptado para atender as necessidades da comunidade indígena, devido as construções das obras para receber os quinhentos anos de Brasil e o crescimento da aldeia, o aumento da população indígena. Foi uma grande luta das nossas lideranças e professores para conseguir a construção da escola.

Hoje sabemos há uma escola que trabalha com a Educação Escolar Diferenciada e fortalece os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas em especial aos do Povo Pataxó. A escola que temos hoje vem atendendo e valorizando os nossos interesses e princípios étnicos.

Fotografia: 6 - Escola Indígena Pataxó Aldeia Coroa Vermelha em 2.000



Acervo: Escola Indígena Coroa Vermelha (2000).

5.6. A TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA

A partir do ano de 2000, ocorreu a execução do projeto de construção da escola pensada e elaborada em Conjunto com o Ministério da Cultura (MIC), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a comunidade indígena e Funai. A arquitetura da escola se configurava como um bem cultural. Como a escola estava incorporada em uma Proposta de Educação, numa visão cultural, ambiental e saúde comunitária, ali também foi construída um grande centro de cultura da aldeia.

Neste projeto foi executado a construção de seis salas de aulas, uma secretaria, uma cozinha e quatro banheiros, um centro de convivência. Os espaços foram construídos como cabanas redondas, dentro das concepções Pataxó, incorporando a nossa realidade sociocultural, econômica e tecnológica. A concepção arquitetônica do Conjunto Cultural teve inspiração nas edificações indígenas e na compreensão da educação como o conjunto de valores e saberes. O projeto arquitetônico respeitou e atendeu as aspirações pedagógicas a serem praticadas na escola. A relação entre a criação de espaços justos apostos a metodologia de ensino, propiciou uma harmonia entre “forma-função”.

Este projeto foi executado com construções seguindo padrões específicos em moldes e estrutura conforme as escolhas indicadas pela comunidade indígena e

arquitetada pelos técnicos da Funai e IPHAN. Esse projeto foi pensado em harmonizar os espaços, **visava preservar o máximo possível de toda estrutura ambiental presente naquela área.**

A conservação das instalações já existentes e as constantes adequações e aplicações com mais salas de aulas, correspondente ao número de alunos foi indispensável ao êxito do projeto. Mas, devido à crescente demanda de matrículas, a quantidade de salas que existiam em 2.000 não era mais suficiente em 2.006. Tínhamos seis salas que não atendiam mais o número de alunos.

Registramos em um documento a necessidade de construção de mais salas de aulas e a necessidade de retocar as pinturas de todas as dependências da escola. Nosso desejo era conseguir manter a estrutura arquitetônica e construir mais salas de aulas sem modificar a estrutura original.

Fotografia: 7 - Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha



Fonte: Acervo: Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha - 2.006.

A escola é vinculada a rede municipal de ensino (Secretaria Municipal de Educação). No ano de 2.006, foi construída pela Prefeitura Municipal de Santa Cruz Cabrália mais seis (06) salas de aulas. No entanto, infelizmente não foi seguido o modelo arquitetônico, devido à **urgência** da construção destas salas. Segundo o engenheiro da

prefeitura, se fosse construir no modelo da obra existente complicaria o ano letivo de 2.006. E, para nós, naquele momento o importante era construir as salas de aulas e atender as demandas de matrículas da nossa comunidade.

Conseguimos sustentar as características arquitetônicas, culturais e ambientais entre os anos 2.000 a 2.009. Em uma área de aproximadamente 1480 m², composta com várias espécies nativas de árvores e animais, a arquitetura da escola permanecia seguindo um padrão circular, pois todas as salas construídas seguiam este padrão.

Fotografia: 8 - Escola Indígena Pataxó na Aldeia Coroa Vermelha em 2.006.



Fonte: Acervo: pessoal de Ademario/Kamasary

A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha é composta por uma diretoria, uma secretaria, uma sala de coordenação, um centro de convivência, que está funcionando como sala de aula, uma cozinha, três banheiros duplos mais não suficiente e nem adequados para atender os alunos, uma quadra poliesportiva, um CDC (Centro Digital Comunitário) está funcionando como sala de coordenação pois, o mesmo não tem aparelho para funcionar como CDC, 19 salas de aulas, 05 extensões, são elas:

- Extensão: Escola Indígena Pataxó Nova Coroa;
- Extensão: Escola Indígena Pataxó Txihí Kamayurá;
- Extensão: Escola Indígena Pataxó Agricultura fica 06 km de distância da sede,

- Extensão: Escola Indígena Pataxó Aroeira fica 12 km de distância da sede.
- Escola Indígena Pataxó Araticum fica a 20 KM de distância da sede.

Não temos refeitório, não temos banheiros para os funcionários e nem sala de informática. 01 diretora (o), 02 vice diretoras (os), 01 secretária escolar, 04 coordenadores pedagógico sendo que dois é para atender as extensões e também o mais educação, os outros dois, um atende a Educação Infantil e Fundamental I e o outro atende Fundamental II e a EJA, 03 agentes administrativos escolar, 42 professores, 11 auxiliar de classes, 04 merendeiras, 03 porteiros, 04 vigias, 20 auxiliar de serviço geral, totalizando 95 funcionários ao todo, onde, alguns desses funcionários não são indígenas mas, tem vínculo familiar com a comunidade indígenas, sendo alguns esposo ou esposa de indígenas.

Dentre esses números de funcionários alguns são das extensões e outros presta serviço para a comunidade nas instituições como: Associações indígenas, secretaria de assuntos indígenas e no administrativo da aldeia (sede da aldeia – Conjunto Cultural Pataxó). Do quadro de professores 80% já estão com a formação superior concluída, os demais estão em andamentos e outros buscam esse grande sonho que é inserir no ensino superior, pensando positivamente fazer a Licenciaturas Interculturais em Nível Superior. Sabemos o quanto é grande a nossa luta para adquirirmos um bem melhor para a nossa comunidade, mais acreditamos que será possível com o apoio dos professores, pesquisadores, instituições governamentais e não governamentais, Universidades Federal, Universidades Estaduais, nossos colaboradores e das autoridades competentes.

A organização do espaço escolar tem um papel preponderante no desenvolvimento da Proposta Política Pedagógica da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Hoje a escola atende:

- A educação Infantil com 06 turmas;
- Educação fundamental – I, com 20 turmas;
- Educação Fundamental – II, com 13 turmas;
- EJA com 04 turmas;
- Tendo no geral um total de 1.100 alunos.

Hoje a nossa escola se encontra em uma aldeia urbanizada com muitos problemas comuns apresentados nas demais escolas não indígenas. Desta forma, visualizamos o desgaste presente nesse passar de tempo com a necessidade de alterações na estrutura que ocorreu ao longo desse tempo: ambiental, arquitetura, visual e cultural. **Na questão ambiental, temos uma escola com área totalmente degradada**, com várias espécies de árvores nativas que já não se encontra mais presentes. Na arquitetura, conservamos em partes, pois houve a necessidade de ampliação com novas construções que não atenderam a arquitetura existente e, assim, alteramos parcialmente o projeto de uma escola com arquitetura indígena.

Ao visualizar a área escolar é possível perceber as modificações ocorridas durante todo o processo de alterações neste ambiente. Percebendo culturalmente todas essas modificações, observamos que houve um desgaste no desenvolvimento das atividades culturais praticadas neste ambiente.

5.7. AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS DA ÁREA DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA

Durante este período conseguimos encontrar grandes árvores como, embaúba, murta, amescla, coqueiro da Bahia, dendezeiro, tento, pororoca, araçá, cajueiro, aroeira vermelha e não esquecendo de citar também as espécies mais baixas como: Caxandó (Xandó da praia) muito utilizado na confecção de artesanatos indígena.

Todo o solo deste espaço é arenoso. Entre este período ainda encontrávamos o solo misturado com uma composta mistura de decomposição vegetal, que aqui conhecemos como mussununga. Por ser assim, a maior parte da área da escola era revestida de algumas espécies de capins, tiririca e outras rasteiras. Outro ponto importante era um pequeno minador de água que se formava próximo a BR e atravessava toda a extensão da escola, criando uma trilha de água onde encontrávamos muitas espécies de ser vivo nesta água, como: espécies de sapos, perereca, pequenos peixes, borboletas, cobras, plantas aquáticas, até mesmo, várias aves que ali vinha se alimentar e beber água. Próximo ao centro de cultural ficava uma pequena reserva de mata dentro do espaço escolar onde se encontrava variadas árvores nativas da mata atlântica e alguns animais nativos como: o macaco saguim, saruê, preá, jacutingas. Essas são as

principais características ambientais do espaço escolar da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha antes de 2009.

A partir de 2007 ocorreram várias transformações na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, sendo uma das principais a construção do muro para impedir o acesso de pessoas que transitavam por ali. A construção do muro, por mais necessária que fosse para a segurança, afetou diretamente o meio ambiente da escola, causando alguns impactos em relação ao convívio da escola com a comunidade e natureza.

O espaço escolar era grande e cheio de árvores e vegetação baixa. As pessoas fizeram vários caminhos dentro da área escolar para chegar a suas casas que são próximas a escola. Além dos indígenas usarem a área escolar para passagem, também não indígena começou a usar o mesmo espaço para suas travessias. Nesse período, devido à crise do cacau na Região Sul da Bahia e a expectativa com relação ao acesso à Educação na Aldeia, que acabara de receber uma escola nova com pensamentos de educação indígena específica e diferenciada, desencadeou um crescimento populacional gradativo de indígenas e não indígenas. Até então, a escola ainda era cercada de várias árvores nativas produtoras de sementes e pequenos frutos, onde, atraíam várias aves e animais para se alimentarem desses frutos.

Antes de 2009, a comunidade, a cada dia que passava, estava crescendo, devido à facilidade de acesso via BR - 367, aumentando incontrolavelmente o fluxo de pessoas, e a ocorrência de problemas típicos das periferias das grandes cidades. Então, os professores junto com a gestão escolar da época ficaram preocupados com a segurança da escola, onde, ela abrigava alguns materiais de uso tecnológico, como: computador, TV, DVD, máquina datilografada, impressora e retroprojetor e outros.

Por causa do trânsito de muita gente pelo espaço escolar, os professores e gestão junto à comunidade e liderança resolveram fazer um documento e encaminharam para a VERACEL Celulose, indústria fixada na região que fábrica celulose para produção de papel, para conseguir eucaliptos tratados e os arames lisos para fazer a cerca com objetivo de reduzir o fluxo de pessoas que passavam por ali. Assim foi feita a cerca, reduzindo o número de pessoas que trafegavam pela área escolar até chegar a suas casas.

A partir de 2008 até o início de 2009 os moradores vizinhos da escola começaram a cortar os arames da cerca fazendo alguns portões de entrada para suas casas,

utilizando novamente área escolar como caminhos/estrada. Em 2009, fomos contemplados com o projeto do muro. Os professores utilizaram seus recursos próprios para pagar um técnico para fazer o projeto. O projeto foi feito e encaminhado para o Governo Estadual da Bahia, sendo aprovado, executado e finalizado no ano de 2009. **Mesmo cientes das desvantagens ambientais, hoje com o desenvolvimento do Distrito Coroa Vermelha e da Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha ficamos agradecidos pela decisão de construirmos o muro na área escolar.** Foi muito bom e de muita segurança para a escola e comunidade escolar, principalmente para os nossos estudantes.

Fotografia 9 - Escola Indígena Pataxó na Aldeia Coroa Vermelha em 2012



Fonte: Acervo pessoal de Ademario

Houve impacto de relação e convívio, pelo fato de que alguns pais passavam por ali e paravam na escola para ver o que os seus filhos estavam fazendo. Muitas vezes os professores usavam, em suas aulas, a participação do próprio pai para falar um pouco da sua experiência. Eles gostavam de ficar na janela olhando o professor dar aula, então, o professor chamava para que eles participassem também junto, como convidado para

expressar seus notórios saberes. Isso era muito bom, pois era um meio de interagir com a comunidade.

Com o aumento populacional, conseqüentemente, no ano seguinte surge a necessidade de ampliação do número de salas de aulas. **Por falta de manutenção e ampliação da escola com arquitetura tradicional indígena, tivemos que concordar com a construção de um pavilhão provisório**, contendo seis salas de aulas, mas **totalmente fora dos padrões característicos de arquitetura simbólica indígena**. Esta **construção ocorreu bem próxima a uma corrente d'água que ali existia**.

Com essa nova área construída, os problemas ambientais aumentaram gradativamente, pois o novo prédio se localizava ao lado de uma área com várias espécies de pequenas árvores, o solo era revestido de capim e tiririca se localizava as margens de uma corrente de água. **Pensando, novamente, na segurança dos alunos, iniciamos um procedimento de limpeza, poda e roçar as tiriricas e os capins deste local**. Hoje, a comunidade lamenta muito os desgastes das espécies nesta área específica.

No ano de 2011 houve a necessidade da construção de uma guarita e um espaço para utilização como biblioteca da escola. Por falta de recursos financeiros próprios destinados à educação, a escola firmou um acordo com a cooperativa habitacional do povo Pataxó de Coroa Vermelha, onde a cooperativa se responsabilizaria pela construção destes espaços e a escola cederia uma área de aproximadamente 100 metros quadrados para uso da cooperativa por tempo provisório. Assim foi feito. Na consequência veio mais um espaço degradado e o que seria provisório, permanece com uma construção de um depósito até o atual momento. E não deixando de citar que o espaço para a biblioteca era somente de 20 metros quadrados e ainda bem próximo à área mais verde da escola.

Fotografia 10 - Escola Indígena Pataxó na Aldeia Coroa Vermelha em 2009



Acervo: pessoal de Ademario

No final do ano de 2011 iniciou a construção de uma quadra poliesportiva coberta, em um espaço já existente como um campinho de barro, onde os alunos se divertiam na hora do intervalo.

Em 2012 a escola novamente recebeu um alto índice de matrículas de estudantes nos anos iniciais, fazendo com que a comunidade indígena e a direção escolar buscassem junto ao gestor municipal a ampliação do número de salas de aulas para atender o anseio da comunidade indígena, que era de que seus filhos permanecessem estudando em uma escola indígena.

Assim o gestor municipal se comprometeu e **construiu mais seis salas ao lado da biblioteca improvisada**. Sendo que essas salas de aulas também são provisórias. Nesta área onde hoje se encontra essas salas, era uma área muito bonita, arborizada. Ali que se encontrava uma parte da pequena reserva de árvores nativas da região, que depois dessa construção se encontra totalmente degradada. A maior parte da comunidade ficou abalada com essa devastação, mas para alguns foi bom, porque

“limpou”. Antes disso, o clima era muito fresco. Depois dessa degradação, o clima se tornou muito quente, inclusive dentro das salas de aula.

Também em 2012 estava acontecendo alguns casos de invasão de pessoas estranhas na escola, por esse lado onde se encontrava essa sobra de mata, que servia de esconderijo. Essa era uma área pequena de aproximadamente quinhentos metros quadrados onde havia muitas cobras. As mães de crianças indígenas que nunca tinham vivido em aldeias tradicionais se preocupavam com a segurança das crianças. Também por este motivo, a direção e alguns funcionários da escola se reuniram e decidiram solicitar do gestor municipal a limpeza desta área com máquinas escavadeiras, ampliando ainda mais a área desmatada e totalmente degradada. Então hoje o local se encontra desmatado. Atualmente, este mesmo local foi iniciado um projeto de recuperação e viveiro de ervas medicinal. O projeto está caminhando devagar, mas não para.

5.8. COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA

Nos anos de 2007 a 2014, o ensino médio funcionava também nesta escola. Só em 2015, o prédio escolar do ensino médio ficou pronto. O mesmo é administrado pela rede de ensino do Estado (Secretaria Estadual de Educação da Bahia), fica dentro do Conjunto Cultural Pataxó ao lado da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Ainda em 2012 ocorreu o início da construção do Colégio Estadual Indígena Pataxó Estadual Coroa Vermelha. A área onde se encontra esta escola hoje já estava praticamente degradada, pois uns três anos antes o gestor da época prometeu construir uma quadra poliesportiva neste espaço e o projeto só se iniciou com a base da alvenaria e o restante não foi concluído, deixando outra área totalmente desmatada. Em cima dessa base foi construído o Colégio Estadual Indígena, que tinha um projeto de construção da quadra poliesportiva.

A quadra do Colégio foi construída ao lado da quadra da Escola e ali ainda existe vestígio do canal de água (a nascente) que escorria antigamente por ali.

Fotografia 11 - Colégio Estadual Indígena Pataxó



Fonte: Acervo pessoal de Ademario (2015 - 2017)

Por fim, temos atualmente neste espaço duas escolas, a Escola indígena Municipal e o Colégio Estadual Indígena. É visível perceber que o Colégio Estadual está melhor organizado nos trabalhos de sensibilização e recuperação do espaço escolar, pois ali se encontra áreas com várias plantas replantadas e a maioria do espaço revestido de grama, já a escola municipal continua com os espaços cada vez mais degradados, com vários espaços precisando se pensar e executar projetos que venha a recuperar gradativamente.

A degradação ambiental que ocorreu em razão do crescimento e desenvolvimento da Escola e do Colégio preocupa a comunidade. Esse trabalho busca, através dos conhecimentos dos anciões, pensar em soluções para a recuperação do espaço ambiental e para a ampliação das atividades de Educação Ambiental. A seguir, apresentamos os principais projetos de Educação Ambiental desenvolvidos na Escola e no Colégio Indígenas da Aldeia Coroa Vermelha.

5.9. AS AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA E NO COLÉGIO INDÍGENAS DA ALDEIA COROA VERMELHA

Levando ao conhecimento dos alunos, como observar a floresta e o que ela tem para nos oferecer. Fazemos isso andando na mata, observando e ouvindo as histórias e os cantos dos pássaros, conhecendo os animais, as árvores e para que serve, e como

fazer para preservar e conservar, coletando sementes, fazendo mudas, reflorestando as áreas degradadas. Esse é um dos trabalhos que já está sendo realizado na Aldeia, Escola e Colégio Indígena Coroa Vermelha, juntos com os estudantes e comunidade indígena.

A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, propôs um projeto que buscasse envolver vivencialmente os alunos das escolas através de interações socioambientais que permitissem aos educandos envolvidos no processo – individual e coletivamente – **construir habilidades, atitudes e competências voltadas para a preservação e conservação do meio ambiente garantindo assim, também, a manutenção cultural ancestral dos seus povos.**

Desde 2014 a Escola faz o percurso de bicicleta da Escola Indígena passando por toda a Reserva da Jaqueira, atravessando a Aldeia Juerana. Depois, passamos pela Aldeia Agricultura e voltamos para a Escola Indígena. Todos vão de bicicleta e percorrem aproximadamente 30 km. Nesta atividade, além de apresentar a atual situação do meio ambiente dentro do território Coroa Vermelha, também mostra todo território da nossa aldeia para alguns estudantes que não tenham conhecimento da mesma. Os estudantes conhecem informações importantes sobre a Reserva, como o trabalho desenvolvido neste local, como etnoturismo, revitalização cultural e preservação do meio ambiente.

Na Reserva da Jaqueira identificamos algumas espécies de árvores e plantas nativas da mata atlântica importantes para a nossa aldeia, como: Araticum, Araçá Buranhem, Jussara, Gravatá ou bromélia, Embiruçu e o bioindicador coral da mata. Paramos e lanchamos no centro cultural da Aldeia Juerana. O nome da aldeia devidamente explicado para os alunos, visualizando uma grande árvore, um pé de juerana branca, que direcionou para o nome da aldeia e é utilizada para fazer canoas.

Seguimos em direção a Aldeia Agricultura. No percurso passamos por trechos inclinados, com muitas subidas e descidas, e o compensatório é mostrar para os alunos o principal rio que corta toda nossa aldeia, o rio Jardim. Conversamos sobre a importância de preservá-lo, pois boa parte deste leito dentro de nossa aldeia encontra-se já poluído. Na Aldeia Agricultura, passamos informações sobre as várias atividades econômicas como criação de gados e outros animais, plantio de hortaliças e verduras, e atividades envolvendo agricultura no geral. Encerramos o percurso contemplando a grande visão de nossa aldeia vista de cima na barreira, local situado acima da Aldeia Nova Coroa e Txihí Kamayurá, duas aldeias pequenas que ficam próximas à Escola.

O percurso da Jaqueira é feito com as turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental com uma metodologia interdisciplinar, desenvolvendo assuntos pertinentes com intuito de conscientização na preservação do meio ambiente e sensibilização da preservação da natureza e recuperação de áreas degradadas do espaço escolar.

Desde 2016 a Escola Indígena propõe a construção de uma horta escolar tendo como principal objetivo oportunizar aos alunos e comunidade o desenvolvimento de uma relação direta com o ambiente, possibilitando uma experiência de cuidado da terra e de valorização dos recursos naturais locais de maneira produtiva e sustentável. O projeto da horta que teve duração de três anos (2016, 2017 e 2018) e lançou a experiência da horta medicinal e comestível, com a pretensão ainda de desenvolver uma melhor interação entre professores e alunos, escola e comunidade, tentando sensibilizar os agentes para uma postura de compreensão e sensibilização para os impactos da ação humana na relação “índio x meio ambiente”.

De 2015 a 2017 o Colégio desenvolveu o Projeto *Korihé* (cuidar), propondo mobilizar toda a escola para participar de um grande projeto, de modo que sua implantação deve tornar-se um processo de ensino aprendizagem fundamentada nos princípios da **Educação Ambiental e da Sustentabilidade**, dentro de uma abordagem pedagógica que enfatiza valores de cooperação, autonomia e participação, vivenciando a construção de uma **Escola Sustentável e Cultural Pataxó** em conformidade com os compromissos assumidos pela escola, ancorados nas políticas públicas de Educação Ambiental e nos princípios recomendados pelo Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que reconhece o papel central da educação na formação de valores e na ação social. Em 2015, O Projeto *Korihé* teve como tema central: “Por uma escola sustentável: Floresça onde está plantado”. Em 2016, O Projeto *Korihé* teve como tema central: “Bálsamo: no Cheiro, nas Dores nos Sabores”. E em 2017, o Projeto *Korihé* teve o projeto voltado especificamente para os cuidados da energia, água e o reaproveitamento do lixo.

A experiência do Colégio com o Projeto *Korihé* foi exitosa, pois transformou projetos pedagógicos em instrumentos de conscientização, o que faz parte do trabalho do Colégio Estadual Indígena de Coroa Vermelha. Uma pessoa da escola encaminhou esse projeto para instituições de Salvador. Uma representante da UNESCO conheceu o Projeto *Korihé* e convidou o gestor e a professora coordenadora para apresentar o projeto

em Salvador. O Projeto *Korihé* foi premiado pela UNESCO com um dos cinco melhores entre cerca de mil escolas estaduais.

Entendemos que é papel da Escola e do Colégio Indígenas da Aldeia Coroa Vermelha prestar esclarecimentos sobre as urgências nas mudanças de atitudes com relação ao território e ao seu desenvolvimento para que, cada vez mais, a comunidade possa usufruir de um mundo melhor. A começar em nós, em nossa escola, com a **Educação Ambiental e a sustentabilidade**.

Fotografia 12 - Colégio estadual Indígena



Acervo: pessoal de Ademario – 2016 – 2017

6 EDUCAÇÃO AMBIENTAL, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

Nesse capítulo trazemos definições sobre a Educação Ambiental e discutimos sobre o desenvolvimento e progresso de forma conectada com os entendimentos do povo Pataxó sobre a Educação Ambiental e a sustentabilidade.

6.1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais a Educação Ambiental é tratada como um “tema” transversal:

Os conteúdos de meio ambiente serão integrados ao currículo através da transversalidade, pois serão tratados nas diversas áreas do conhecimento, de modo a impregnar toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, promover uma visão global e abrangente da questão ambiental (PCNS, 1996, p. 28).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996, “A Educação Ambiental será considerada na concepção dos conteúdos curriculares de todos os níveis de ensino, sem constituir disciplina específica, implicando desenvolvimento de hábitos e atitudes sadias de conservação ambiental e respeito à natureza, a partir do cotidiano da vida, da escola e da sociedade” (BRASIL, LDB 9394/1996).

De acordo com a Conferência de Tbilisi, ocorrida em 1977, na ex-União Soviética, Educação Ambiental tem como principais características ser um processo com as características apresentadas no Quadro 1.

De acordo com a UNESCO (2005, p. 44), “Educação ambiental é uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos adequadamente”.

Quadro 1 – Características da Educação Ambiental de acordo com a Conferência de Tbilisi (1977)

Dinâmico integrativo	Processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir, individual e coletivamente e resolver os problemas ambientais.
Transformador	Possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes. Objetiva a construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio e a adoção de novas posturas individuais e coletivas em relação ao meio ambiente. A consolidação de novos valores, conhecimentos, competências, habilidades e atitudes refletirão na implantação de uma nova ordem ambientalmente sustentável.

Participativo	Atua na sensibilização e na conscientização do cidadão, estimulando-o a participar dos processos coletivos.
Abrangente	Extrapola as atividades internas da escola tradicional, deve ser oferecida continuamente em todas as fases do ensino formal, envolvendo a família e toda a coletividade. A eficácia virá na medida em que sua abrangência atingir a totalidade dos grupos sociais.
Globalizador	Considera o ambiente em seus múltiplos aspectos: natural, tecnológico, social, econômico, político, histórico, cultural, moral, ético e estético. Deve atuar com visão ampla de alcance local, regional e global.
Permanente	Tem um caráter permanente, pois a evolução do senso crítico e a compreensão da complexidade dos aspectos que envolvem as questões ambientais se dão de um modo crescente e contínuo, não se justificando sua interrupção. Despertada a consciência, se ganha um aliado para a melhoria das condições de vida do planeta.
Contextualizador	Atua diretamente na realidade de cada comunidade, sem perder de vista a sua dimensão planetária (baseado no documento Educação Ambiental da Coordenação Ambiental do Ministério da Educação e Cultura, citado por Czapski em 1998):
Transversal	Propõe-se que as questões ambientais não sejam tratadas como uma disciplina específica, mas sim que permeie os conteúdos, objetivos e orientações didáticas em todas as disciplinas. A educação ambiental é um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 1997, p. 49). Partindo desse pressuposto a educação ambiental é fundamental na formação do indivíduo.

Fonte: CONFERÊNCIA DE TIBLISI, 1977.

Conforme Varine (2000, p. 62), “a natureza é um grande patrimônio da sociedade, conseqüentemente, a Educação Ambiental se torna uma prática social, com a preocupação da preservação dessas suas riquezas.” Mais do que responsabilidade ambiental, cuidar do meio em que se vive é pensar na sociedade e pode ser entendida, também, como uma responsabilidade social.

No entender de Morin (1988), a educação deve ser pensada numa perspectiva complexa, capaz de evitar a fragmentação percebida nos currículos escolares que não possibilitam a visão do todo e dificultam a aprendizagem. Assim sendo, o educador ambiental deve compreender a teia de relações existente entre todas as coisas. É esta abordagem que a educação tradicional não faz devido a seu caráter fragmentário, criando assim a necessidade deste enfoque globalizante ao qual denomina-se Educação Ambiental.

Para Sorrentino (1998), os grandes desafios para os educadores ambientais são, de um lado, o resgate e o **desenvolvimento de valores e comportamentos (confiança, respeito mútuo, responsabilidade, compromisso, solidariedade e iniciativa)** e de outro, o estímulo a uma visão global e crítica das questões ambientais e a promoção de um enfoque interdisciplinar que resgate e construa saberes.

Para Adams (2004), **encarar os problemas ambientais é essencial, pois, é do ambiente que depende a qualidade de vida da população.** É preciso que os alunos se conscientizem de preservar o meio ambiente, pois, isto sim, trará muitas melhorias em nossa qualidade de vida. A Educação Ambiental nas escolas de maneiras interdisciplinar e abrangendo todos os níveis de educação é hoje o instrumento mais eficaz para se conseguir criar e aplicar formas sustentáveis de interação sociedade e natureza. Este é o caminho para que cada indivíduo mude de hábitos e assume novas atitudes que levem à diminuição da degradação ambiental, promovam a melhoria da qualidade de vida e reduzam a pressão sobre os recursos ambientais.

Segundo Abílio e Guerra (2005), a escola, tendo em vista a importância que exerce no processo de formação social, cultural, humana e ética da sociedade, se apresenta como um dos locais mais propícios para o desenvolvimento de atividades com enfoque educativo relacionado ao ambiente em que vivemos. Assim, a escola e o colégio indígenas são o ponto de partida para o início das discussões sobre as questões relacionadas ao meio ambiente, sendo estas trabalhadas de forma interdisciplinar para a formação de cidadãos críticos e sensibilizados para com os problemas ambientais.

A educação **escolar indígena diferenciada** é a construção do sujeito como um todo: no **conhecimento no respeito, na transmissão dos conhecimentos que vão sendo passado para gerações futuras.** E a maneira que tratamos uns aos outros, respeitando o direito de cada e de todos seres humanos seja (anciões, adultos, jovens e crianças, temos que dar o respeito valorizando a sua diversidade cultural).

Tendo a educação diferenciada em vista, a nossa Educação Ambiental na Escola e no Colégio se insere na confiança de desenvolver uma **educação comunitária, intercultural, bilíngue e multilíngue, específica e diferenciada, valorizando todo o conhecimento contido em nossos maiores mestres, nossos anciões,** onde, é de suma importância que se trabalhe a educação ambiental dentro e fora da escola, colocando em prática sempre nosso conhecimento cultural e tradicional.

Pensar sobre o meio ambiente, através da Educação Ambiental, na área escolar da Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha tem se tornado uma necessidade e uma preocupação sobre as soluções que se pretendem para garantir uma melhor qualidade de vida as futuras gerações. Além disso, nossa pedagogia é revitalizar e vivenciar os costumes tradicionais do nosso povo Pataxó para nortear nossa linha de

desenvolvimento. Assim temos um importante papel com os novos rumos da educação que anseia formar estudantes com responsabilidade ambiental, e os anciões, observadores e atentos a tudo o que acontece a sua volta, são ambientalistas de muita importância para nossa comunidade.

6.2. SUSTENTABILIDADE

O modelo de desenvolvimento consumista atual promove crescente degradação dos recursos naturais com consequências na qualidade de vida, modificando assim hábitos sociais. Tais características têm apresentado reflexos negativos nas características do planeta e, assim, no cotidiano das pessoas.

No Brasil, de forma genérica, as terras indígenas ainda são as que possuem características de harmonia e equilíbrio ambiental. Porém, as destruições em nome do progresso, a ganancia do dinheiro, a falta de respeito aos limites e fronteiras dessas terras, as invasões, o uso predatório dos recursos naturais, são constantes e visíveis, e afetam cada vez mais as condições socioambientais desses territórios.

Para nós, povo Pataxó, a maioria dos problemas ambientais tem suas raízes em fatores sociais, econômicos, políticos, culturais e éticos. E os modelos de desenvolvimento econômico adotados pelos países ricos são causadores de degradação ambiental. Tais modelos, quando importados para nossos territórios, causam degradação ambiental e ameaçam a sobrevivência de nosso povo.

Wolfgang Sachs disse, em 1992: “A flecha do progresso está quebrada e o futuro perdeu seu brilho: o que temos pela frente são mais ameaças que promessas.” Acosta (2016) argumenta que, para trilhar um caminho diferente, é preciso superar o objetivo básico e os motores do modelo ocidental de desenvolvimento. Deve-se propiciar uma transformação radical das concepções e linguagens convencionais do desenvolvimento e, sobretudo, do progresso, que nos foram impostas há mais de quinhentos anos.

Os problemas ambientais da área escolar da Aldeia Coroa Vermelha é uma herança do modelo de desenvolvimento que se iniciou e se impôs a partir de 1500, transformando os territórios de nosso povo. Por isso, é preciso identificar o que é realmente importante e necessário, tendo à mão o mapa com as trilhas que não nos

convêm percorrer: “o caminho do inferno para dele se afastar”, como recomendava Nicolau Maquiavel há cinco séculos.

Acosta (2016) comenta a urgência em se “superar o divórcio entre a Natureza e o ser humano. Essa mudança histórica e civilizatória é o maior desafio da Humanidade, se é que não se deseja colocar em risco nossa própria existência.” Para o povo Pataxó, nunca houve separação com a Mãe Natureza, pois é ela quem nos dá tudo o que precisamos.

Para o povo Pataxó, a sustentabilidade é respeitar as pessoas, a sociedade e a natureza, criando harmonia entre todos. Para as comunidades indígenas Pataxó, as principais questões que envolvem a sustentabilidade são a Mãe Natureza e a valorização de sua cultura. Pensando na sustentabilidade, as comunidades buscam alternativas para o seu sustento e autonomia econômica, social e política, como grupos diferentes da sociedade nacional. Nos seus territórios, lutam para ter a sua própria economia. A sustentabilidade é muito importante para os Pataxó, sobre tudo no momento em que estes povos, assim como todo o país e até o planeta, enfrentam várias dificuldades para sua sobrevivência, especialmente em relação ao uso dos recursos naturais.

7 RESULTADOS

Nesse capítulo apresentamos as informações, opiniões, orientações e sugestões sobre o meio ambiente da área escolar da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, Educação Ambiental e sustentabilidade, que encontramos nas conversas com os anciões Capimbará Pataxó e Aderno Pataxó e nas respostas de professoras e estudantes da Escola Indígena à pergunta “Qual a importância de trabalhar Educação Ambiental nas Escolas Indígenas?”.

7.1. PENSANDO COM OS ANCIÕES

Os anciões têm capacidade de descrever com riqueza os detalhes e os comportamento dos animais, a diversidade das plantas, o movimento da água, as mudanças do clima, as estações do ano e a força da lua. Considerando tudo isso, nesse capítulo pensamos com dois anciões, Capimbará Pataxó e Aderno Pataxó, sobre suas experiências com o meio ambiente.

Com o intuito de conseguirmos informações importantes para nosso trabalho, selecionamos dois indígenas para serem entrevistados por nós. O primeiro, Senhor Capimbará Pataxó, esse nosso parente indígena, além dele ser um ambientalista de muita importância para nossa comunidade, ele tem uma ligação muito forte com a escola, pois em um determinado período fazia parte do corpo de educadores da Escola Indígena Pataxó, pois desenvolvia suas atividades ambientais no espaço da escola, atividades como, construção de um viveiro de mudas na reserva maturembá, palestras sobre espécies de plantas, como plantar e cuidar da terra e trabalhos riquíssimos juntamente aos professores sobre o meio ambiente. Além de se fazer presente sempre quando a escola o solicitar para palestrar sobre sua vida e seu trabalho com o meio ambiente até os dias de hoje.

O segundo entrevistado foi o Senhor Aderno Pataxó, parente indígena pataxó da Aldeia Coroa Vermelha, que desenvolve um excelente trabalho ambiental e etnoturismo na Reserva Pataxó da Jaqueira, sendo assim um grande conhecedor da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, pois todos seus filhos e demais parentes estudaram em nossa escola. Assim com nossas entrevistas conseguimos obter várias informações importantes

para nosso trabalho e até mesmo desenvolver mais atividades em campo na Reserva da Jaqueira com o auxílio de Aderno Pataxó.

Na conversa o Senhor Capimbará Pataxó lembrou que a Escola Indígena era dentro do mato. Era incrível para o pessoal que vinha da Universidade de Salvador, de Feira de Santana e de Jequié, que ficavam encantados porque a escola era coberta de vegetação verde. Capimbará diz que isso foi se acabando de acordo a evolução. Evoluiu a escola e o povo Pataxó sabe que quando evolui, assim como na cidade, tudo se acaba. O desequilíbrio da natureza, do meio ambiente e a destruição da mata ciliar, que protege a terra, leva à erosão, e ao assoreamento, levando terra para dentro dos rios. Então, a mata ciliar tem que permanecer (informação verbal)¹.

Capimbará contou que a escola hoje ela está sendo mal vista por algumas pessoas que acham que a devastação foi pelo querer do povo Pataxó. Mas o ancião afirma que não foi por nosso querer. De acordo com o que ele fala, escola cresceu, uma sala de aula foi tirando a vegetação e nós não pensamos em plantar novamente.

O Senhor Aderno Pataxó orientou que a primeira coisa a se fazer é ver na área escolar da Aldeia quais espécies existiam ali (informação verbal)². Dessa maneira, não vamos plantar outras espécies que não vão se adaptar naquele lugar. Capimbará (informação verbal) falou que não adianta vir um técnico lá de fora. Porque ele estudou, ele quer plantar outras espécies, de outra região aqui, que não vão sobreviver aqui. Então, a comunidade tem que se preocupar de fazer o levantamento das espécies nativas que ocorrem aqui e que ocorreram aqui. Essas espécies nativas tem que ser plantadas novamente porque ai ela viver. A terra da área escolar é arenosa, a terra é de mussununga, então as plantas que temos que plantar aqui, que são as espécies nativas da área escolar, são as que que ocorrem na orla nossa praia de Cabrália e estão acabando, disse Capimbará. Essas plantas são: “marmelados, pororocas, adernos, pau pombo, murtas, aderninhos, guanandis”. Ele fala sobre o bacupari, que é uma planta medicinal que tem substância contra o câncer. Capimbará nos orientou a fazer um viveiro

¹ Entrevista concedida por Capimbará. Entrevistadores: Ademario e Jelevaldo. Santa Cruz Cabrália, Aldeia Coroa Vermelha, 2018. A entrevista completa está transcrita no Anexo II.

² Entrevista concedida por Aderno. Entrevistadores: Ademario e Jelevaldo. Santa Cruz Cabrália, Aldeia Coroa Vermelha, 2018. A entrevista completa está transcrita no Anexo II.

com os alunos, trabalhando em um projeto de catalogação das sementes das espécies nativas.

Capimbará disse que uma árvore, quando se planta, é uma coisa muito delicada porque as pessoas tem que ter um cuidado com a planta, tem que adotá-la, porque está no meio de muita gente caminhando, que são os alunos caminhando (informação verbal). Então, se cada estudante adotar uma árvore Capimbará tem certeza que a arborização vai acontecer, porque ele se tornará responsável pela árvore que plantar.

Capimbará disse que a recuperação da vegetação na área escolar é um processo, é um trabalho (informação verbal). Não somos nós, ou ele, sozinhos, que vamos construir essa arborização da escola. Isso tem um custo. Não tem um planejamento da prefeitura, não tem um projeto do governo para arborizar a escola. Capimbará afirma que este é mais um dos desafios para serem superados e para isso, precisa de muita gente. Muita gente para fazer isso em parceria com a prefeitura, Secretaria de Cultura, Secretaria de Assuntos Indígenas, parcerias com anciões, governo municipal e estadual, estudantes e professores.

Sobre a sustentabilidade, Capimbará falou que a palavra sustentabilidade está englobada em tudo dentro da nossa família:

“A minha experiência de vida foi de acordo com a minha vivência com meu vô, que me ensinou o que é sustentabilidade. A palavra sustentabilidade é uma palavra que as pessoas falam, mas muitas das vezes, não se preocupam. A sustentabilidade é baseada na nossa família. Eu tenho uma família, e se eu disser que não dou conta do meu filho, eu não sou um pai. Então palavra sustentabilidade é tudo. Onde você tira e não coloca, a tendência é acabar. Então, a minha experiência está de acordo com o meu dia a dia, pensando, vendo, caminhando. É só quando você caminha visitando certos lugares que você vê que o lugar é bonito.” (Informação verbal)³

Por fim, sobre sustentabilidade, Capimbará disse que o povo Pataxó vive do artesanato (Informação verbal). As pessoas tiram muita matéria prima da Natureza e não devolvem plantando.

³ Entrevista concedida por Capimbará. Entrevistadores: Ademario e Jelevaldo. Santa Cruz Cabrália, Aldeia Coroa Vermelha, 2018. A entrevista completa está transcrita no Anexo II.

Capimbará disse que a Educação Ambiental não é você falar, mas sim trabalhar de modo permanente, viver na escola e revitalizar a vegetação da escola. É a gente relembrar na escola a importância da gente arborizar essa escola. É pensar na sombra que vai dar, nos espaços para os pássaros fazerem o ninho, até mesmo para um aluno passar uma hora protegido do sol quente debaixo de uma árvore e, até mesmo, fazer uma pesquisa debaixo do pé de uma árvore, que é diferente da sombra de dentro de uma sala de aula.

Capimbará (Informação verbal) fala da desmatção provocada pelos empresários. A desmatção é a causa de terras férteis que viraram sertão, e no presente, pessoas que moram nessas regiões sofrem com falta de água e alimentação. Por exemplo, os indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outras comunidades tradicionais. Capimbará diz:

“Você sabe que é o rio o meio ambiente é igual à política. Então, o Prefeito, o Presidente ganha com o voto de pequenas pessoas. Não é o presidente, não é o senador, o prefeito, o vereador que se elegem. São os pequenos que os elegem. Então o rio é igual. As nascentes são pequenas, então se nós não preservarmos as nascentes, a tendência é acabar. Não existirá rio grande, porque os rios dependem das nascentes. Se nós protegermos as nascentes, Capimbará tem certeza que, no futuro, nós não vamos sofrer com a falta de água.” (Informação verbal)⁴

Na fala de Capimbará, entendemos que todos tem que abraçar a causa da educação diferenciada. Pai, mãe, aluno, professor e diretor. Ele acha que a palavra que a gente fala, escola indígena *diferenciada*, ela está aí, no engajamento. Capimbará diz que ela está engajada em toda comunidade. Faz parte da atuação das lideranças, como professores, conselheiros. E participar é importante, porque senão, no futuro, nossos netos não vão saber o que é “diferenciada”. Só vão saber essa palavra, mas a palavra diferenciada ela está em conhecer, respeitar e valorizar.

⁴ Entrevista concedida por Capimbará. Entrevistadores: Ademario e Jelevaldo. Santa Cruz Cabralia, Aldeia Coroa Vermelha, 2018. A entrevista completa está transcrita no Anexo II.

7.2. PENSANDO COM PROFESSORAS E ESTUDANTES DA ESCOLA

Nas respostas de professoras e estudantes dos 8º e 9º anos da Escola Indígena, que desenvolvem e participam dos projetos de Educação Ambiental e sustentabilidade, à pergunta “Qual a importância de trabalhar Educação Ambiental nas Escolas Indígenas?”, encontramos muitas opiniões e sugestões sobre Educação Ambiental e Sustentabilidade.

A Professora Jucélia escreveu que a Educação Ambiental é importante para a sobrevivência de um povo que, em dias atuais, vive e sobrevive do artesanato e do turismo em sua própria aldeia. E não há nada melhor que iniciar a Educação Ambiental nas escolas indígenas, onde nossos alunos, hoje crianças indígenas, serão os futuros artesãos de amanhã. Assim, trabalhar educação ambiental e sustentabilidade é abrir um leque de possibilidades para o presente e principalmente para o futuro dos povos indígenas.

A Professora Cátia escreveu que trabalhar Educação Ambiental e Sustentabilidade nas escolas indígenas é um trabalho de grande valor para o Povo Pataxó e demais etnias, uma vez que garante um espaço melhor para as futuras gerações. Os professores indígenas realizam a mediação dos conteúdos em sala de aula e logo após, têm a oportunidade de favorecer aos alunos uma aula prática sobre a teoria aplicada em sala de aula, por meio de experiências nas aulas de campo na aldeia. A Educação Ambiental no cotidiano escolar indígena é fundamental e um grande desafio, visto que o ato de preservar o meio ambiente é uma das partes centrais na formação do estudante indígena crítico na sociedade. O que indica que o ensino teórico sobre a Educação Ambiental e a prática desse contexto não existem isoladamente. Devemos colocar a pesquisa como uma possibilidade para trabalhar com o estudante indígena

A Professora Lucicléia pensa que a Educação Ambiental e a sustentabilidade são uma questão de resgate da cultura. A relação Índio-Terra é equivalente à relação Homem-Sentimento. Ela acha importante ressaltar que os Kitok (crianças) estão abertos ao aprendizado prático nessa área.

Para a Professora Irene, é importante que a educação escolar seja um dos caminhos para a mudança de comportamento sobre o meio ambiente a sustentabilidade.

Para ela, desenvolver ações e projetos de desenvolvimento sustentável na comunidade indígena é o caminho, buscando que o estudante indígena tenha práticas e atitudes que envolvam as melhores concepções possíveis entre homem e natureza.

A aluna Shayres escreveu que com a Educação Ambiental ficamos em contato com a Mãe Natureza. Aprendemos sobre as plantas, todas as espécies de árvores da nossa mata. Esses passeios, na Escola Indígena chamamos de aula de campo, são importantes para nós indígenas, pois conseguimos compreender a vida dos nossos ancestrais e a vida da comunidade. Muitos alunos que não se interessavam por esses assuntos ficaram encantados com as aulas que passaram a participar mais ativamente delas. Nós precisamos muito desses conhecimentos para fazer nossa cultura ser mais apreciada e conhecida e toda escola deveria participar.

Maria Paola escreveu quando tem uma aula que leva os estudantes a conviver com a natureza, é cuidar da terra, água e até mesmo do lixo. No pensamento dela é tirar o aluno de sua rotina, e leva para atividades mais interessantes. Nesse sentido os estudantes aprendem cuidar do patrimônio maior da aldeia que é a natureza

Sanara escreveu que sem a natureza nós não sobreviveremos, pois dependemos muito dela. Se a educação ambiental fosse mais vivenciada com certeza teríamos mais alunos cuidadosos, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Myzna Vitória escreveu sobre a importância de estudar a Educação Ambiental e a sustentabilidade porque preservamos mais o ambiente escolar e ajudamos a cuidar dele. Pra ela é importante participar dessas aulas porque mexemos com as plantas e com a terra.

Amanda Gabrielly escreveu que quer aprender com a natureza, pois ela tem muito para nos ensinar, a cuidar e a preservar.

Raine escreveu que estudar Educação Ambiental e sustentabilidade ajuda a conhecer as plantas. Descobrimos que os indígenas são um dos povos mais ligados a natureza, pois os indígenas sabem usar as plantas de várias maneiras diferentes como remédios, artesanatos, adereços, trajes, rituais e outros. Os incentiva a aprender e conhecer sobre as plantas e seus benefícios. Enfim, precisamos saber utilizá-las.

Estudar sobre as plantas fez Âdxuara refletir sobre a influência que temos quando estudamos e aprendemos dos nossos ancestrais, que usaram a natureza como um bem de proteção para o nosso povo.

Raphael escreveu que aprendeu a lidar com pequenas hortas comunitárias e entender melhor o que é delimitação de terras indígenas. Ele tem isso como assunto importante que deve transmitir para os seus filhos e os seus filhos devem passar para os seus netos. Ele entende que o amanhã é incerto, pois não souber cuidar da natureza, tudo se acaba. A vida está difícil e, cada vez mais, o homem destrói a natureza.

Henrique escreveu que cuidar da natureza faz parte do dia a dia em uma aldeia indígena. Todos fazem parte do meio ambiente da aldeia e da escola. Ele escreveu que na escola fez um viveiro de ervas que se tornou uma horta comunitária. Isso foi muito importante para o espaço escolar, para os alunos e para toda comunidade. Henrique afirma que tudo o que somos é o que temos na terra da aldeia, por isso temos que cuidar com muito carinho de cada palmo de terra ao nosso redor.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o desenvolvimento desordenado em nossa aldeia, isso por ser considerada uma aldeia urbanizada, em nossa escola houve a necessidade de ampliações urgente, ocorreram várias construções sem nenhum planejamento organizado, pensando somente em atender a necessidade de urgência e esquecendo-se do meio ambiente.

Os anciões nos passaram conhecimentos e orientações para desenvolver projetos de Educação Ambiental na Escola e no Colégio, pensando na recuperação da vegetação da área escolar indígena.

Então, entendemos que há uma **Educação Ambiental Pataxó**, que é como um processo que pode ser desenvolvido através de projetos e vivências. Entendemos que a Educação Ambiental é um trabalho, um processo permanente.

A terra da área escolar é arenosa, é terra de mussununga. Os anciões nos recomendam fazer um projeto de levantamento das espécies nativas e medicinais. Voltar a plantar as plantas que existiam ali. Exemplos das plantas nativas são: marmelados, pororocas, adernos, pau pombo, murtas, aderninhos, guanandis e bacupari. Nesse projeto devemos catalogar essas e as outras espécies que existiam, com atenção para a identificação das sementes. Depois de catalogadas com a identificação das sementes, poderemos coletar as sementes na mata e desenvolver mais um etapa do projeto, que é o projeto do viveiro de plantas nativas e medicinais com os alunos. Iremos continuar o trabalho com o projeto permanente *Korihé* (cuidar), incluindo cuidados também com a vegetação natural, e vamos iniciar dois projetos, que é: *Ariponã* (aprender) e *Paxixá* (fazer). Podemos desenvolver a catalogação de planta nativas e medicinais no projeto *Ariponã* e o viveiro no projeto *Paxixá*.

Esses projetos devem engajar toda a comunidade: anciões, lideranças, pais, estudantes, professores e funcionários. É importante, memorável e marca significativamente a nossa caminhada no que pretendemos unir esforços para a superação dos problemas vivenciados no contexto da Educação Ambiental diário nas Escola Públicas. Mas a recuperação da vegetação requer inúmeras condições para a efetivação de ações que devem ser provenientes diretamente do setor público, o qual é responsável pela política da educação escolar, bem como indiretamente de setores da iniciativa privada os quais poderão contemplar as unidades escolares com ações efetivas

voltadas a melhoria de infraestruturas nessas unidades. Além disso, precisamos fazer parcerias com a Prefeitura, Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Cultura, Secretaria de Assuntos Indígenas, governo municipal e estadual. Precisamos, também, estudar estratégias dos mais antigos para pressionar o governo a apoiar o projeto com materiais simples, como telas e terra para a construção do viveiro.

Os anciões afirmam que, para o povo Pataxó, a **Sustentabilidade Pataxó** está englobada em tudo dentro da comunidade e é baseada na família. Há estudantes que mostraram compreender isso, como Raphael, deseja ensinar seus filhos e netos sobre hortas comunitárias a delimitação de terras indígenas. Ædxuara refletiu sobre o uso das plantas e os costumes dos nossos ancestrais, que usaram a natureza como um bem de proteção para o nosso povo. A sustentabilidade é um trabalho se passa de geração em geração, aos nossos filhos e nossos netos. Se aprende entre os parentes, passando os conhecimentos tradicionais e os costumes tradicionais de geração em geração. Isso é sustentabilidade da tradição e do meio ambiente, ou seja, sobrevivência do povo Pataxó.

A estudante Sanara entende que nossa sobrevivência depende da natureza. Além disso, a Professora Jucélia lembrou que os estudantes que são, hoje, crianças indígenas, serão os futuros artesãos de amanhã. Então, quando a Professora Jucélia diz que a Educação Ambiental é importante para a sobrevivência do povo Pataxó, é porque o artesanato é uma fonte de renda muito forte, e a sobrevivência da aldeia depende, também, do artesanato. Por isso, trabalhar Educação Ambiental é pensar na sustentabilidade do povo Pataxó.

A conexão da Educação Ambiental Pataxó com a cultura está clara para a Professora Lucicléia. Para ela, a relação Índio-Terra é equivalente à relação Homem-Sentimento. O índio, portanto, não se separa da natureza. E a estudante Raine descobriu, através da Educação Ambiental Pataxó, que somos um dos povos mais ligados à natureza. E isso está presente nos nossos remédios, artesanatos, adereços, trajes e rituais. Henrique entende que em uma aldeia, todos fazem parte do meio ambiente, ou seja “tudo o que somos é o que temos na terra da aldeia”. Somos parte da Mãe Natureza.

Portanto, concluímos que a Educação Ambiental Pataxó tem características “dinâmica integrativa”, por ser entendida como um processo permanente que envolve consciência ambiental, conhecimentos tradicionais e costumes como o respeito. Também tem característica “transformadora” pois quer recuperar a vegetação nativa do espaço

escolar, de maneira conectada com os saberes dos anciões. E é “participativa” porque inclui toda a comunidade da aldeia, o que a torna uma Educação Ambiental “abrangente”. E, nesse processo, se considera aspectos ambientais e da cultura tradicional, atuando de forma “contextualizada” com os costumes da comunidade. Além disso, tradicionalmente a Educação Ambiental Pataxó se organiza na forma de projetos e vivências “transversais”, que conectam várias disciplinas na Escola e no Colégio Indígenas com o território.

Os anciões falam da desmatção provocada pelos empresários, e incluímos a destruição feita por indústrias e governantes. O povo Pataxó, com seus anciões, sabe que quando acontece a evolução, assim como na cidade, tudo se acaba. A Escola e o Colégio cresceram e os seus espaços tiraram a vegetação. E, naquele momento, a comunidade não pensou em plantar novamente. Mas está pensando nisso agora. Sabemos também que é necessário que as matas, como a mata ciliar, permaneçam para não assorear os rios. Aderno Pataxó deixa claro quando ele fala que é importante o estudo do meio ambiente, e percebemos isso no seu cultivo de plantas nativas (viveiros de plantas nativas), que pode ajudar a resolver problemas que afetam diretamente as sociedades indígenas. Por isso, entendemos que nosso povo nunca se divorciou da Mãe Natureza. Essa separação colocaria em risco a nosso modo de vida, nosso costumes, nossas tradições, nossos conhecimentos tradicionais e nossa sustentabilidade.

A Educação Ambiental Pataxó faz parte da educação diferenciada e que é engajada em tem a participação de toda comunidade. **Conhecer, respeitar e valorizar tem que ser a base da Educação Ambiental Pataxó.**

Os estudos do meio ambiente estão diretamente ligada a Educação Ambiental e Sustentabilidade e à maneira de organizar as atividades produtivas no territórios indígenas, ou seja, a sua Gestão Territorial. Os indígenas tem grande conhecimento e sabem utilizar os recursos naturais de seu território, suas relações com a natureza são mais do que o conhecimento da biodiversidade e de técnica de manejo. E isso está presentes nas comunidades indígenas, principalmente quando falamos da terra, da flora e da fauna, que estão ligado um a outro. Se matar a terra não tem florestas, se matar as florestas não temos animais e nem as aves, então, isso certifica que precisamos cuidar da Mãe Natureza.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a entrevista com os anciões indígenas Aderno e Capimbará, conseguimos ampliar informações que são importantes para nosso trabalho com a Educação Ambiental e a sustentabilidade na Escola e no Colégio. Também tivemos vários conhecimentos importantes com o auxílio de Aderno Pataxó e Capimbará Pataxó para contribuir com a recuperação do meio ambiente nas áreas degradadas do espaço escolar da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

A Educação Ambiental e a Sustentabilidade Pataxó, trabalhadas no cotidiano escolar com os alunos através de vivências e projetos oferece uma ampla contribuição no processo revitalização cultural e ambiental. Os projetos de Educação Ambiental e sustentabilidade da Escola e Colégio Indígenas colaboraram para uma sensibilização sobre questões ambientais e culturais, integrando na teia de relações o meio ambiente, as plantas e os costumes tradicionais.

Percebemos também que os problemas ambientais na área escolar mostram sintomas da herança de um desenvolvimento que se impôs a partir de 1500 e que levou a uma crise mais profunda: falta de respeito e crise dos valores. Apesar disso, a ideia de sustentabilidade Pataxó, para os anciãos, professoras e estudantes, se mostrou profundamente relacionada ao espaço natural e à cultura de nosso povo. Os projetos de Educação Ambiental aprofundaram conhecimentos, o respeito e a valorização da Mãe Natureza e dos costumes tradicionais. Percebemos que o povo Pataxó permanece conectado à Mãe Natureza.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO F. J. P.; GUERRA, R. A. T. (Org.). **A questão ambiental no ensino de Ciências e a formação continuada de professores do ensino fundamental**. João Pessoa UFPB/FUNAPE, 2005.

ACOSTA, Alberto. **Bem Viver**, tradução de Tadeu Breda.

BRASIL. **Decreto- lei n. 9795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1999.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CONFERÊNCIA DE TBILISI – Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros, 1977. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/95291/Conferencia-tbilisi-moscou?query2=tbilisi> . Acesso em 05 de fevereiro de 2009.

CZAPSKI, S.A. **Implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília: Ministério de Educação e do Desporto, 1998, 166p.

MAQUIAVEL, Nicolau, 2016.

MEC/BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, Mimeo, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=557>>. Acesso em: 11 de ago. 2013.

PPP. Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, 2011.

Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI-2002).

SORRENTINO, Marcos. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: CASCINO, FÁBIO et al. (Orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania**: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998.

UNESCO. Década das Nações Unidas da Educação para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação. – Brasília: **UNESCO**, 2005.

VARINE, Hugues de. O Ecomuseu. **Ciências e Letras**, n. 27, p. 61-90, 2000.

ANEXO I: Entrevista com o Senhor Aderno Pataxó

Meu nome é Aderno Pataxó, Trabalho na Reserva da Jaqueira, já venho desenvolvendo um trabalho aqui há 20 anos onde, a gente veio buscar experiência também né, com vários parceiros que já teve aqui, com a gente. Inclusive o Capimbará, também, foi um dos que me ajudou muito nessa parte e aí a gente vem aprendendo aos poucos trabalhando com meio ambiente aí, hoje a gente desenvolve um viveiro de mudas de planta nativa né uma, um trabalho que vem desenvolvendo também há muitos anos no início desse trabalho que a gente vem desenvolvendo as mudas plantando devolvendo de volta à natureza é um trabalho que a gente vem resgatando algumas espécies também ameaçadas em extinção e algumas plantas também medicinais que a gente vem desenvolvendo também né então isso aí tudo isso foi através desse trabalho que a gente veio conquistando isso né e aprendendo e desenvolvendo ensinando isso também as pessoas eu acho que isso foi uma vitória muito boa pra gente que a gente vem desenvolvendo a muito tempo e hoje nós somos exemplo para outras aldeias né inclusive até para outros parentes.

- o *Entrevistador*: qual a importância que você acha sobre esse trabalho para comunidade em si para as escolas?

- Esse trabalho ele tem um significado muito forte para gente né porque é através desse trabalho que vem desenvolvendo a gente vai passando isso de geração em geração, e os nossos filhos nossos netos. Tem uma grande importância né, pois o meio ambiente né tá aí cada vez mais é a gente tem ajudado também preservando essa parte do meio ambiente muito importante para o nosso trabalho esse trabalho a gente vem desenvolvendo.

- O *Entrevistador*: Qual a maneira correta de fazer uma recuperação de uma área com essas mudas que você tá produzindo aqui. Primeiro você tem que ver o local de qual espécie que você poderia plantar antes vendo o que tinha ali né, para você não plantar outra espécie que as vezes não vai adaptar legal naquele lugar, então você tem que ver a espécie aqui ali ocorria antes para você estar com a mesma espécie e como é que é feito o trabalho aqui na jaqueira do etnoturismo esse trabalho do etnoturismo hoje a gente vem também que nem nós temos pessoas que dá palestra a onde a gente vai passar um pouco da experiência nossa também para essas pessoas que vêm pra aprender também

então é isso que a gente ensina aqui isso pra as pessoas que vem aqui buscar. Isso é muito bom que é um trabalho que a onde a gente vai mostrar o que a gente faz no dia a dia né, e passar conhecimento que nós sabemos essas pessoas que vem aqui.

ANEXO II: Entrevista com o Senhor Capimbará Pataxó.

Entrevistador: Como é feita a recuperação ambiental? Que plantas podem ser utilizadas no espaço da escola?

Bom dia meu nome é Capimbará Pataxó e em português é Amilton Alves dos Santos mais eu gosto do meu nome indígena eu queria falar um pouquinho sobre é a minha experiência e a necessidade de falar sobre nosso meio ambiente né, porque hoje você viu que o sertão tá ai não tendo solução nenhuma de água ou de plantação povo morrendo e, e tá chegando aqui na Bahia mesmo a desmatção ai porque os grandes empresários faz ai não tem leis pra eles e no final de tudo quem sofre são os pequenos indígenas é os quilombolas e os pescadores. Essas pessoas sofrem na pele por não ter condições de vida.

Então quando a gente fala sobre meio ambiente do trabalho que a gente vem fazendo desde 2004 dentro da escola indígena sem parcerias, sem apoio, sem recurso mais mesmo assim a gente não desistiu até quando gente tiver vida a gente vai continuar de altos e baixos a gente vai continuar conscientizando fazendo palestra na escola. Eu acho que não trabalho de educação ambiental é não é você falar mais sim um trabalho permanente na escola e eu tô falando para você porque eu tô mandando essa mensagem porque eu vivo e vivi um bom tempo na escola e quando eu tava na escola tinha muita vegetação e então hoje a gente queria fazer novamente revitalizar a escola em arborização.

- o *Entrevistador:* Ai vc fala sobre sua experiência como você conseguiu essa experiência de Meio Ambiente? É a minha experiência sobre o meio ambiente foi de acordo a minha vivência na aldeia né, vamos dizer assim né, nem todo mundo pensa na nossa vida no futuro que é os nossos netos, bisnetos nem falo nem do meu filho mais. A gente vivi do Artesanato, as pessoas tiram muito e não devolve e quando também queria deixar bem claro para os alunos porque a palavra sustentabilidade ela tá englobada em tudo dentro da nossa família o desequilíbrio da natureza do meio ambiente e a Mata Ciliar que protege a terra que ela chega até levar erosão, assoreamento dentro dos rios então a mata ciliar tem que permanecer então a minha experiência de vida foi de acordo a minha vivência com meu vô que me ensinou o que é sustentabilidade a palavra sustentabilidade ela é

uma palavra que as pessoas fala mais está muita das vezes não se preocupa porque é baseado na nossa família porque eu tenho uma família se eu dizer que não dou conta do meu filho eu não sou um pai então palavra sustentabilidade é tudo. Aonde você tira que não coloca a tendência é acabar então a minha experiência foi de acordo do meu dia a dia pensando vendo caminhando é só quando você caminha visitando certos lugares que você vê que o lugar é bonito.

Mas, o bonito de arborização, das nascentes, vão sendo desmatados pelos fazendeiros, fazendo plantio de capim e tirando a mata ciliar é então isso machuca muito a gente.

Então você sabe que é o rio o meio ambiente é igual à política então a política cresce o Prefeito, Presidente ganha de pequenas pessoas não é presidente não é senador prefeito vereador que elege presidente são os pequenos. Então o rio, o rio é igualmente então se nós não preservarmos as nascente a tendência é acabar não existe rio grande porque os rios só crescem de acordo pequenas nascentes então se nós protegemos as nascente eu tenho certeza que no futuro nós não vamos sofrer é a consequência de água a necessidade de água porque a gente vai tá cuidando do nosso meio ambiente em geral praia, rua, entendeu?

Para a escola, então, isso é fundamental para os alunos e professores e todo mundo que participa da escola. Eu acho que é educador e então o aluno tem respeitar valoriza então eu, eu com a minha experiência de vida foi caminhando vendo de verdade, não você ver é você ver e conhecer o problema é falando pouquinho da nossa escola indígena em 2004 que a gente fazia um projeto pequeno projeto lá é com os alunos é a mata é a escola era a melhor escola da região da Bahia. Que eu falo assim dentro do mato uma escola indígena era, um era incrível pra o mundo o pessoal que vinha da Universidade Salvador, Feira de Santana então de Jequié ficava encantado porque a escola era coberta de vegetação verde então isso foi se acabando de acordo a evolução, evoluiu, a escola, então, você sabe quando evolui a cidade tudo se acaba, é porque não tem um planejamento encima disso, a prefeitura não tem um planejamento de arborizar a escola, tirar e plantar outra espécie o a mesma espécie.

Então, a espécie que ocorre na escola é o que ocorre nessa orla nossa praia de Cabrália, Porto Seguro, são: Marmelados, Pororocas, Adernos, Pau Pombo, murtas, Aderninhos, Guanandis, então, são essas espécies elas estão se acabando.

Então não adianta também vir um técnico lá de fora porque ele estudou, ele quer plantar outras espécies de outra região aqui que não vai dá entendeu? Então, a gente tem que se preocupar de fazer o levantamento das espécies que ocorre aqui, que ocorreu aqui essas espécies que tem que ser plantada de volta novamente e porque ai ela vai, ela vai viver novamente porque a terra é arenosa a terra é de mussununga então as plantas que temos que plantar aqui nós temos que fazer um viveiro para fazer com que os alunos faça a catalogação de semente da mesma espécie que está ocorrendo aqui que o Bacupari que é uma planta medicinal que tem substância do câncer então essas plantas elas é daqui é, é essas plantas que eu falei elas são Nativa daqui, então essas plantas têm que ser devolvido novamente para o lugar que elas que foram devastadas da escola então ela tem um processo, ela tem um trabalho entendeu e não é você, não é, fácil a gente falar é fácil agora pra gente construir essa, essa arborização da escola de volta ela tem um custo ela tem um custo e tem, tem uma especialidade pessoas que conhece o solo que conhece a semente que você vai cataloga só na região do solo entendeu pra ser plantada na mesma região.

Porque eu falo por isso experiência porque eu nasci e vivi nessa terra então minha vida até hoje é, é estudar as plantas elas estão desaparecendo de acordo com o que eu falei Hotel crescendo aí eles não faz questão de nada só faz questão de tirar então a gente tem em falta dessas espécies que está se acabando já. É a gente relembrar na escola novamente a importância da gente é, é voltar arborizar essa escola, é pensa, pesando na sombra que vai dar os passos para os pássaros fazer o ninho, até mesmo um aluno passar uma hora do sol quente de baixo, até mesmo fazer uma pesquisa debaixo do pé de uma árvore é diferente da sombra de dentro de uma sala de aula, então isso, isso precisa muita gente tá, tá fazendo isso em parceria com a prefeitura e só secretaria de cultura ao mesmo tempo até mesmo secretaria de assuntos indígenas. Aí também tem que levantar e visitar mais a escola para ver necessidade da escola você entendeu a gente tem uma boa vontade de fazer também de ajudar escola, mas não temos condição a gente não tem apoio de governo nenhum e mais a gente tem um conhecimento e tem como ajudar a fazer, então a, a importância da gente tá querendo, querendo e a gente vai fazer em nome do Senhor na frente, a gente vai fazer arborização da escola.

Porque a escola hoje ela tá sendo mal vista por algumas pessoas acha que foi por nosso querer, mas não foi por nosso querer foi de acordo com o que eu falei, cresceu escola,

cresceu uma sala de aula foi tirando e a gente não pensou de plantando novamente mais quando a gente plantar uma árvore ela é uma coisa muito delicada porque as pessoas que plantar ali tem que ter um cuidado com a planta, tem que adotar porque tá no meio de muita gente caminhando que são os alunos caminhando, então se cada um aluno adotar uma árvore eu tenho certeza que aí vai sair porque ele vai ser responsável pela árvore que ele plantar.

Então eu acho que tá na hora, tá já tarde demais mas nunca é tarde para Deus então eu acho que a gente tem que abraçar essa causa, todo mundo abraçar essa causa pai e mãe, aluno e professor, diretor e funcionários. Eu acho que a palavra que a gente fala escola indígena diferenciada ela tá aí engajado em todo mundo fazer parte e liderança fazer parte dessa educação diferenciada porque senão no futuro nossos netos não vão saber o que é “diferenciada” só vai saber essa frase mas a palavra diferenciada ela tá aí você conhecer respeitar e valorizar. E participar então é importante a gente vai fazer com que é valer de volta essas árvores que foram tiradas da escola indígena e a gente devolver de volta novamente. É isso mesmo.

Este é com certeza, um dos muitos momentos desta caminhada, que por certo, teremos muito outros, e possibilitando assim, novos desdobramentos a partir dos encaminhamentos feitos por nossa comunidade indígena, e na medida em que se fortalecem as iniciativas já existentes

ANEXO III: Questão respondidas por professoras e estudantes da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha

Questão: Qual a importância de trabalhar Educação Ambiental nas Escolas Indígenas?

Respostas de Professoras da Escola

Maria Jucélia: Muito Grande. Primeiro pela necessidade ambiental onde estamos inseridos, segundo pela sobrevivência de um povo que em dias atuais vive e sobrevive do artesanato e do turismo de sua própria aldeia. Sendo assim, para alcançar essas metas, nada melhor que iniciar nas escolas indígenas onde nossos alunos hoje crianças, amanhã serão os futuros artesãos e que também dependerão do turismo para sobreviver. Ou seja, trabalhar educação ambiental e sustentabilidade é abrir um leque de possibilidades para o presente e principalmente para o futuro dos povos indígenas.

Cátia: Educação Ambiental é de suma importância para o desenvolvimento do universo. O homem precisa se relacionar bem com a natureza para sua própria sobrevivência. Os educadores devem sensibilizar os alunos quanto à relevância de práticas ambientais no processo educativo das escolas indígenas, de modo que favoreça a formação do sujeito reflexivo e atento às questões do meio ambiente, cujo tema tem sido uma problemática bastante discutida nas questões ambientais. De acordo com o RCNEI (1998) “*O estudo das ciências nas escolas indígenas justifica-se pela necessidade que essas sociedades têm de compreender a lógica, os conceitos e os princípios da ciência ocidental, para poderem dialogar em melhores condições com a sociedade nacional e ao mesmo tempo, apropriarem-se dos instrumentos e recursos tecnológicos ocidentais importantes para garantia de sua sobrevivência física e cultural*”. Diante disso, nota-se que trabalhar Educação Ambiental e Sustentabilidade nas escolas indígenas é uma experiência que contribui de forma positiva para o convívio social do aluno indígena, tornando-o multiplicador dos conhecimentos adquiridos nas escolas indígenas. Além disso, é um trabalho de grande valor para o povo Pataxó e demais etnias, uma vez que garante um espaço melhor para as futuras gerações. A relação da escola com a prática ambiental na aldeia como lamentam-se, pois os professores indígenas realizam a mediação dos conteúdos em sala de aula e logo após, têm a oportunidade de favorecer aos alunos uma aula prática sobre a teoria aplicada em sala de aula, por meio de experiências nas aulas de campo na aldeia. A Educação Ambiental no cotidiano escolar indígena é fundamental e um grande desafio, visto que o ato de preservar o meio ambiente é uma das partes centrais na formação do estudante indígena crítico na sociedade. O que indica que o ensino teórico sobre a Educação Ambiental e a prática desse contexto não existem isoladamente. Devemos colocar a pesquisa como uma possibilidade do aluno indígena refletir e recriar.

Lucicléia: É uma questão de resgate da cultura. A relação Índio-Terra é equivalente à relação Homem-Sentimento. Importante ressaltar que os Kitok (crianças) estão abertos ao aprendizado prático nessa área. Apoiando o projeto horta na escola, hoje pela manhã,

entre rasteladas, coleta de lixo plástico e enxadadas, percebemos o empenho inclusive dos menores alunos. Sempre apoiarei efetivamente, todo e qualquer iniciativa nesta direção.

Irene: A Educação Ambiental é um processo de participação juntamente com o desenvolvimento e conscientização do ser humano. No entanto, há uma preocupação sobre o meio ambiente que vivemos, pois muitos desequilíbrios ambientais são causados por toda sociedade por conta dos maus hábitos dos próprios cidadãos. Portanto, é importante que a educação escolar seja um dos caminhos para a mudança de comportamento na qual, deve ser trabalhada para desenvolver ações e projetos de desenvolvimento sustentável na comunidade indígena, buscando preparar o estudante indígena em uma expectativa de práticas e atitudes que envolvam as melhores concepções possíveis entre homem e natureza. Além disso, é importante trabalhar e conscientizar para a diminuição da destruição do meio ambiente que está visível diariamente acontecendo na natureza diante da sociedade.

Então para os professores, o tema permitem um elo de discussão entre as áreas de estudos para que passem todas a servir a um projeto social definido pela comunidade. Este projeto se organiza através da discussão de temas que estão relacionados a um contextos políticos e social que garante e fortalece a educação ambiental e a sustentabilidade, ancorado na vivencia histórica particular daquele grupo humano.

Respostas de Estudantes da Escola:

Shayres : 9º ano

É importante porque a gente sai da rotina e os alunos conhecem coisas novas e socializam uns com os outros. Com os professores e com os funcionários. As aulas abrem as nossas mentes e recebemos o conhecimento com mais facilidade. Outra coisa importante é que ficamos em contato com a mãe natureza. Aprendemos sobre as plantas, todas as espécies de árvores da nossa mata. Esses passeios que chamamos de aula de campo são importantes para nós indígenas, pois conseguimos compreender a vida dos nossos ancestrais e a vida da comunidade. Muitos alunos que não se interessavam por esses assuntos ficaram encantados com as aulas que passaram a participar mais ativamente delas. Nós precisamos muito desses conhecimentos para fazer nossa cultura ser mais apreciada e conhecida e toda escola deveria participar.

Maria Paola: 9º ano

A importância desses estudos numa escola indígena é transmitir o interesse dos alunos no meio ambiente e cuidar do patrimônio maior da aldeia que é a natureza, além das atividades que os professores aplicam nesses projetos. Todo estudo que leva o aluno a participar da natureza e mexer com a terra, água e até mesmo cuidar do lixo escolar tira o aluno do dia a dia pacato e o leva para atividades mais interessantes. Até mesmo a

matemática que utilizamos nos projetos apresentou que o meio ambiente nos ensina tudo e facilita a aprendizagem.

Sanara: 8º ano

Os estudos ambientais nas escolas indígenas são importantes porque os alunos, professores e funcionários cuidam juntos da escola e do ambiente ao redor dela. Sem a natureza nós não sobreviveremos, pois dependemos muito dela ou de tudo dela. Se essas aulas fossem mais aplicadas com certeza teríamos mais alunos mais cuidadosos, tanto no ambiente escolar quanto fora dela.

Myzna Vitória: 9º ano

Importante estudar sempre esses assuntos da Educação Ambiental e da sustentabilidade porque preservamos mais o ambiente escolar e ajudamos a cuidar dele. Eu gosto de participar dessas aulas porque mexemos com as plantas, com a terra, fazemos as hortas e plantamos muitas flores ao redor da escola. As aulas ficam alegres e depois de algum tempo a gente observa que a escola tá mais bonita. Sentimos mais vontade de assistir as aulas de pegar nos instrumentos de plantar.

Amanda Gabielly: - 9º ano

Acredito que é importante sim. Não só pelo fato de sermos indígenas, mas sim, também, por preservar o ambiente e a natureza. Queremos aprender muito mais, com a natureza, pois ela tem muito para nos ensinar. Não é só na escola que temos que aprender a cuidar e preservar, mas também em todos os lugares. Na escola temos uma horta muito massa. Deu um pouco de trabalho para fazer mas ficou boa, muito boa. A nossa horta na escola tem suas vantagens porque preservamos e cuidamos do lugar onde ela se encontra. Agora estamos colhendo o que plantamos.

Raine: 9º ano

O bom de estudar Educação Ambiental e sustentabilidade é porque nos ajuda a conhecer as plantas. Quando é introduzindo os alunos índios nessa área, descobrimos que são um dos povos mais ligados a plantas, pois os indígenas sabem usar as plantas de várias maneiras diferentes como remédios, artesanatos, adereços, trajes, rituais e outros. Se aprendermos sobre Educação Ambiental nas escolas indígenas estaremos resgatando uma parte, de nossa cultura muito importante. Os indígenas sabem muito bem a época e a lua certa para o cultivo, se estudarmos a fundo sobre o assunto, aprenderemos a fazer o mesmo. As atividades ambientais nos incentiva a aprender e conhecer sobre as plantas e seus benefícios. Enfim, as plantas devem estar ligadas a todos e nós precisamos saber utilizá-las.

Adxuara: 9º ano

O importante é ter estudado sobre as plantas e os medicamentos que elas possuem e para que servem aplicar esses remédios. Estudar sobre as plantas me fez refletir sobre a influência que temos quando apresentamos o que aprendemos dos nossos antepassados que usaram a natureza como um bem maior entre nosso povo.

Raphael: 9º ano

O importante de estudar sobre o meio ambiente e o espaço escolar ligado a sustentabilidade é que aprendemos a lidar com pequenas hortas comunitárias e entender melhor o que é delimitação de terras indígenas. Isso eu tenho como assunto importante porque o que eu aprendi, devo transmitir para os meus filhos e os meus filhos devem passar para os meus netos. Nós não sabemos o dia de amanhã, pois a natureza não dura se não souber cuidar dela e como a vida tá difícil e cada vez mais o homem destrói a natureza temos que estar já prevenidos.

Henrique: 8º ano

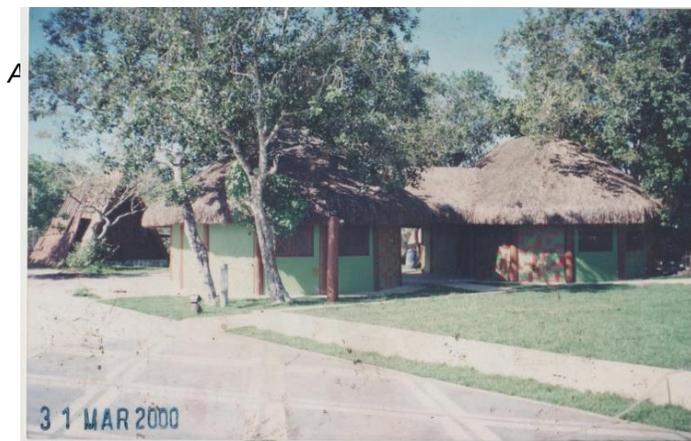
No meu ponto de vista é que esses assuntos já fazem parte da vida e da escola indígena cuidar da natureza já faz parte do dia a dia de uma aldeia indígena. Todos devem fazer parte do meio ambiente da aldeia e da escola. Aqui na escola fizemos um viveiro de ervas que se tornou uma horta comunitária. Isso foi muito importante para o espaço escolar, para nós alunos e para toda comunidade. Tudo o que somos é o que temos na terra da aldeia, por isso temos que cuidar com muito carinho de cada palmo de terra ao nosso redor.

ANEXO IV - FOTOGRAFIAS: do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha



Acervo pessoal - 2018

ANEXO V - FOTOGRAFIAS DA ESCOLA INDÍGENA NO ANO DE 2000 a 2019



Acervo pessoal - 2017

Acervo escola indígena – 2.000

ANEXO VI – FOTOGRAFIAS DA RESERVA DA JAQUEIRA ATIVIDADE ESCOLAR



Acervo pessoal - 2017



Acervo pessoal - 2017



ANEXO VII – CONTINUAÇÃO DAS ATIVIDADES ESCOLAR



Acervo pessoal - 2016



Acervo pessoal - 2016



Acervo pessoal - 2017



Acervo pessoal - 2017



Acervo pessoal - 2017